

**Ruben Poiares**

# **CONSTRUIR SOBRE O CONSTRUÍDO**

---

**Dissertação/Trabalho de Projecto  
Mestrado em Arquitectura**

**SETEMBRO, 2020**



**NOTA:**

O CONTEÚDO DO PRESENTE TRABALHO NÃO OBEDECE AO NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO.

**Ruben Poiares**

## **CONSTRUIR SOBRE O CONSTRUÍDO**

---

Trabalho de Projecto apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Arquitectura (designação da área científica do mestrado) realizado sob a orientação científica de Arqº Sérgio Mendes.



Declaro que esta(e) Dissertação / Trabalho de Projecto é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato,

---

Porto, .... de ..... de .....

---

Declaro que esta Dissertação / Relatório / Tese se encontra em condições de ser apreciada (o) pelo júri a designar.

O(A) orientador(a),

---

Porto, .... de ..... de .....

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus Pais e à minha Irmã por todo o apoio e dedicação que me deram ao longo destes anos.

A todos aqueles que me influenciaram a poder chegar mais longe.

Ao Prof. Sérgio Mendes por todo o apoio e orientação durante este “último” trabalho.

## **Resumo**

### **Construir Sobre o Construído**

**Ruben Poiares**

PALAVRAS-CHAVE: Porto, Requalificação, Património, Habitação, Projecto

#### **RESUMO**

O presente trabalho consiste numa recuperação parcial e ampliação do edifício existente. Procurou-se ao longo deste texto, explicar e enquadrar o motivo desta opção por este tipo de intervenção. Pretendeu-se demonstrar como estas situações são correntes, procurando sempre expor aquela que, na minha opinião, é a solução, a mais adequada para este caso.

## **OBJECTIVO DO TRABALHO DE PROJECTO**

Intervenção de um edifício existente do ponto de vista do investimento imobiliário, tomando como ponto de partida a preservação das fachadas existentes, atendendo a sua qualidade arquitetónica, e a necessidade da ampliação em altura do edifício, para cumprir as exigências do referido investimento, com uma proposta arquitetónica adequada que estabeleça um feliz relacionamento entre o “velho e o novo”.

# ÍNDICE

Introdução.....	2
Capítulo I: Evolução do Enquadramento Teórico de Conservação.....	3
I. 1. Teoria e Conceitos de Intervenção no Património Construído .....	4
Capítulo II: Objecto de Estudo .....	10
II. 1. Evolução da Cidade do Porto .....	13
II. 2. Freguesia de Ramalde .....	17
Capítulo III: O Lugar de Intervenção .....	20
III. 1. Primeira Fase de Construção .....	26
III. 2. Segunda Fase de Construção .....	30
Capítulo IV: Contexto Actual da Cidade do Porto.....	33
Capítulo V: Casos de Estudo .....	36
V. 1. Álvaro Siza – Reconstrução do Chiado .....	36
V. 2. Souto Moura – Edifício Praça das Flores .....	40
V. 3. Ampliação de edifícios ao longo dos tempos .....	41
V. 4. Justificação e Enquadramento do Projecto.....	48
Capítulo VI: Memória descritiva da Proposta Arquitectónica .....	50
Conclusão.....	57
Bibliografia .....	58
Índice de Imagens .....	59
Anexos .....	60
1. 1. Imagens Tridimensionais do Projecto.....	60
1. 2. Imagens do Processo Camarário do Proj. Original .....	69

## **Introdução**

Este trabalho tem como objectivo perceber como se pode intervir na cidade consolidada, em edifícios antigos correntes, quais as questões teóricas e conceptuais que se levantam, tendo em conta o contexto contemporâneo, e quais as vias possíveis para a preservação e valorização do património construído.

O trabalho consiste numa reflexão sobre a evolução do conceito de património e das questões subjacentes à sua preservação, assim como a sua concretização prática para um local específico e no contexto actual da cidade e das suas problemáticas.

A Requalificação é um conceito chave em arquitectura, tendo por base estruturas anteriormente habitadas com significados particulares, tornando-se, por vezes, e devido à expansão gradual da cidade e à alteração de usos e modos de habitar, parte apenas da memória da cidade do Porto, cedendo espaço a novas edificações.

Este trabalho centra-se no projecto de um conjunto habitacional na Rua 5 de Outubro, na cidade do Porto. A proposta, engloba a trajectória cronológica da edificação em questão, desde a sua construção até ao seu estado de abandono actual. O edifício apresenta uma forte persistência da memória da cidade contemporânea, à qual é necessário e proposto novos usos, novas tipologias, criando uma reformulação de uso, e uma adaptação à vida da cidade.

## Breve evolução do enquadramento teórico de conservação

*"À oposição entre construir articulado e contextualizado e construção reticulada das redes técnicas, corresponde a oposição entre as línguas tradicionais da diferença e a língua dos técnicos (...). Assim, a supressão em curso dessa dimensão antropológica que é a competência de edificar é, sem dúvida, o acontecimento traumático de que a cultura do património nos serve para conjurar e ocultar."*<sup>1</sup>

Segundo Françoise Choay, o conceito de património estava, na origem, ligado às estruturas familiares e, económicas de uma sociedade estável no espaço e no tempo.

Com o passar do tempo foi sendo requalificada por diversas denominações (natural, histórico, cultural, ...) fazendo dele um conceito "nómada", que vai sendo alterado com o passar do tempo e com a evolução das sociedades e a importância que cada uma demonstrar pela passagem do tempo pelos diversos objectos.

A definição e os conceitos de património cultural evoluíram imenso ao longo do sec. XX, e continuarão a sofrer alterações no futuro.

Focada inicialmente no edifício-monumento, esta definição foi alargada aos conjuntos, lugares ou sítios, que podiam incluir obras conjuntas do Homem e da natureza, bem como lugares arqueológicos. Normalmente associado ao factor do tempo, no sec. XX os edifícios foram deixados sem protecção.

Foi corrigido com a simples justificação que afinal o património do Futuro engloba pequenos edifícios, construções rurais e centros urbanos históricos de cidades e vilas. Houve uma evolução para o conceito de salva guarda do património imaterial.

O património é indissociável de uma evolução temporal, é preciso tempo para reconhecer o valor patrimonial de determinado edifício, onde este raramente resulta de uma única intervenção no tempo. Trata-se de um conjunto de camadas, diversas fases de construção ao nível estrutural, funcional e social, provenientes do desgaste provocado pelo uso, pela actualização ou evolução da necessidade do utilizador.

Antes de fazer qualquer intervenção num edifício de uma época passada, há que entender a sua colocação espacial, cultural e social ao longo do tempo, só assim se poderá conhecer a sua história e relevância no país e na cidade onde se insere.

---

<sup>1</sup> CHOAY, Françoise – Alegoria do Património, Edições 70, Junho de 2018

## **Teoria e conceitos de intervenção no património construído**

As actividades de restauro tiveram início no sec. XVIII e XIX. Até aos dias de hoje os edifícios históricos sofreram acções de conservação, alteração de uso e renovação, não entendidas como restauro, tal como é denominado nos dias de hoje. Estes edifícios sofreram diversas intervenções, como fachadas novas, ornamentações resultantes do avanço de conhecimentos da arquitectura, resultando em edifícios alterados sem distinção entre o passado e o presente.

Os monumentos que demoram anos e por vezes até séculos a serem construídos, passando por diversas fases de construção e consequentemente alterações de projecto devido aos ideais dos arquitectos de cada época ou até mesmo com a evolução das técnicas de construção são factores que levaram a que reutilizassem edifícios degradados, ruínas ou mesmo em bom estado de conservação para outros fins que não os originais, devidos a alterações de cariz religioso ou político.

Por sua vez, outros edificadados não tiveram essa sorte e foram utilizados como pedreiras para edificação de novas obras. Alguns desses edifícios seriam restaurados mais tarde, outros perderam-se totalmente.

O Renascimento, movimento que nasceu em Itália no sec. XIV e XV, caracterizou uma aproximação à expressão da antiguidade greco-romana, será a primeira etapa da história que tem consciência do passado e que adaptou medidas para conservar e manter valores daquele tempo. A atitude perante monumentos antigos não era de protecção da história e foram, em muitos casos, esquecidos.

Após o período barroco, em meados do século XVIII, o movimento neoclássico adoptou as formas do Renascimento, onde nasce a curiosidade e o interesse pelas descobertas arqueológicas de Pompeia em Itália. Dá-se importância à escultura e à arte antiga, onde surgem os primeiros museus como sinal da importância da história.

Distinguem-se os diferentes estilos de cada época e são classificados os monumentos. Desta forma, cria-se assim uma consciência histórica atribuindo valores definidos do que é preciso preservar.

Na Revolução Francesa, 1789, resulta a massiva destruição de monumentos e documentos do passado que marcou a Idade Contemporânea e apressou a definição de critérios de intervenção. Com a revolução provém o vandalismo e com estes novos actos emerge uma nova consciência pública que obriga a preservação e intervenção do Estado na guarda de bens e testemunhos do passado.



Em Itália surge uma tendência que se denomina "restauro arqueológico", com influência directa dos escritos acerca da Basílica São Pedro, em Roma alvo de divergência sobre a sua reconstrução na época. Os monumentos eram estudados de modo a perceber como seriam na época da sua construção, com o objectivo de conseguir uma recomposição do edifício, se possível, tornando-o numa unidade completa. Por este motivo destruíram-se muitas partes da história dos edifícios, a sua envolvente para que estes fossem consagrados e admirados com símbolos intocáveis.

Foi apenas no sec. XIX que foi criado um documento jurídico e técnico de conservação dos monumentos históricos que implicou a formação de arquitectos nos domínios da história da arte e da história da construção bem como um grande debate sobre o restauro à escala europeia.

Consequentemente conduziu ao aparecimento de duas doutrinas, uma intervencionista, que tem como principal mentor Viollet-le-Duc e outra anti-intervencionista, que tem como principal defensor John Ruskin. Viollet-le-Duc, arquitecto, escritor, crítico e historiador, restaurou edifícios da Idade Média, onde se destaca igreja de Notre-Dame em Paris, que influenciaram as ideias ocidentais acerca do Restauro no sec. XIX. O mesmo possui um estilo coerente que resulta da relação entre a forma, função e construção, onde exigia que o restauro fosse feito segundo o princípio da unidade de estilo. Viollet-le-Duc defendia a destruição de todos os acrescentos de épocas menos desenvolvidas, de modo atingir uma coerência conceptual. A sua vontade era conduzir o monumento ao estado mais puro mesmo que ele nunca tenha existido, o que implicava que o arquitecto tivesse de projectar sobre o tecido original da obra.

No mesmo período surgem outras tendências em Inglaterra, com ideias opostas protagonizadas por John Ruskin. Em Inglaterra nesta altura vivia-se um período neogótico, caracterizado pelo avivar das formas góticas, que teve bastantes repercussões nesse país, em comparação com o resto da Europa. Os que estavam de acordo com esta metodologia consideravam o gótico um estilo puro e rigoroso, visto mais como uma religião do que um estilo arquitetónico.

Este período marcado pelos textos de John Ruskin que era escritor, crítico de arte e sociólogo, marcam ideias diferentes das do arquitecto francês. A produção industrial era considerada uma falsidade, num período onde se vivia um grande desenvolvimento industrial tendo a fabricação manual sido substituída pelo uso das máquinas.

Ruskin impulsiona e desenvolve que as obras do passado deviam de se manter intactas, mantendo, também, uma visão romântica do património. Segundo ele o edifício é digno e autêntico porque marca a passagem do tempo, onde as marcas passam a fazer parte da sua essência. Adota uma posição de não intervenção e radicaliza a doutrina intervencionista de Viollet-le-Duc.

Contudo, Ruskin concorda que o restauro pode ser uma necessidade, apoiando a manutenção frequente, consolidando pequenas intervenções pontuais que poderiam precaver a degradação e evitar a ausência de determinados elementos do edifício.

Iniciou-se o Movimento Arts and Crafts, desenvolvido por Augustus Pugin (1812 - 1852) e Ruskin pretendia manter as características artesanais da arquitectura tradicional relevando a importância dos trabalhos manuais e estando contra a produção em série da industrialização. A sociedade apoiava as ideias de Ruskin a respeito da conservação dos monumentos, denunciaram intervenções feitas na Europa em alguns monumentos e opuseram-se as intervenções que pretendiam ser elaboradas na época. Neste momento foi criado um movimento que iria ficar conhecido por Anti-Restauro.

No final do sec. XIX surgiu uma geração de arquitectos preocupados com o conceito de restauro, baseados nos princípios estabelecidos pelo arquitecto Camillo Boito.

Com uma reacção aos conceitos de Viollet-le-Duc as ideias passivas de Ruskin, Boito e os seus seguidores defenderam intervenções de nível intermedio que vem a servir de bases para as teorias actuais.

Camillo Boito foi arquitecto, engenheiro e foi também professor de arquitectura onde desenvolveu o estudo nesta disciplina, do desenho e restauro. O mesmo aprofunda os seus conhecimentos nas viagens que tem em Itália e na Europa, no entanto, mais tarde, vem a considerar os restauros feitos por Viollet-le-Duc como falsificações.

Este arquitecto opõe-se aos acrescentos que permitem que a obra seja acabada, segundo ele, as adições de épocas posteriores testemunham a história do monumento. O valor histórico é o máximo valor a preservar, as intervenções só devem ser realizadas quando necessário. Rejeita a prática da unidade de estilo, desenvolve o respeito pela matéria original pelos indícios deixados pelo tempo. Alerta a necessidade de uma documentação rigorosa antes e depois da intervenção do património. Esta postura foi importante para a criação da Carta de Veneza de 1964, no que se refere aos princípios de intervenção, onde se toma uma posição de intervenção de conservação criativa.

Esta nova forma de actuar é resumida em princípios de actuação apresentados no III Congresso de Arquitectos e Engenheiros em Roma, em 1883, é o resultado de Camillo Boito.

Contudo, são estabelecidas pelo Governo Italiano, as seguintes normas que salientam os aspectos mais importantes na conservação dos monumentos:

- Limitar as intervenções o mínimo possível, mas caso sejam executadas devem ser bem identificadas;
- Deverá ser visível a diferença entre as partes antigas e novas;
- Deverá ser visível a diferença entre materiais modernos e os originais aplicados;
- Deverá ser feito o registo da intervenção acompanhada de fotografias das diversas fases dos trabalhos, colocados no próprio monumento ou num lugar próximo;
- Deve-se assinalar ou gravar a data das execução das intervenções.

Estes princípios foram a base das teorias mais modernas, que têm sido reformuladas, adaptadas e melhoradas desde então.

Em Itália, Luca Beltrami e Gustavo Giovannoni tornaram-se seguidores de Camillo Boito. Beltrami afirma-se arquitecto, restaurador, historiador e crítico de arte.

O mesmo acrescenta à teoria inicial que a reconstrução deve ser baseada nos desenhos, plantas e historiografia para que a intervenção seja o mais verdadeira possível, sem as inovações que o restauro estilístico adoptava, tratando-se, assim, de um restauro histórico.

Gustavo Giovannoni teve uma importância maior, marcando o restauro da primeira metade do sec. XX, baseado nas teorias de restauro científico de Boito.

Arquitecto, engenheiro civil, urbanista e crítico da arquitectura, Giovannoni lecionou a disciplina de "Arquitectura Geral" em Roma, onde escreveu diversas publicações sobre a arquitectura italiana e também sobre o restauro. Foi considerado um dos mais intervenientes da conferência de Atenas de 1931. Desta resultou o primeiro documento internacional a considerar regras universais de protecção e salvaguarda de monumentos. Giovannoni dá uma grande importância ao urbanismo, considera-o um complemento social que dá carácter e identidade à envolvente urbana. Recuperam-se casas e ruas, com regras em relação a sobrelevações, descontinuidades e mudanças de volume.

Giovanni demonstra uma especial preocupação com as estruturas e com os materiais a serem utilizados na construção. Por essa razão defende a utilização de betão

armado em intervenções de consolidação, de modo a aumentar a resistência da construção.

A II Guerra Mundial deixou muitas cidades europeias arrasadas, afectando as construções existentes, algumas arruinadas outras completamente destruídas. Perante este cenário surgiu a necessidade de repensar os princípios da Carta de Atenas que defendem a conservação com intervenção mínima.

No livro Teoria do Restauro, Cesare Brandi (1906-1988) defende que o valor artístico está acima do valor histórico. O restauro era visto por Brandi como uma obra de arte em si, não generalizando regras e normas, sendo um acto criativo e critico. Estas teorias ficaram conhecidas como restauro crítico.<sup>2</sup>

---

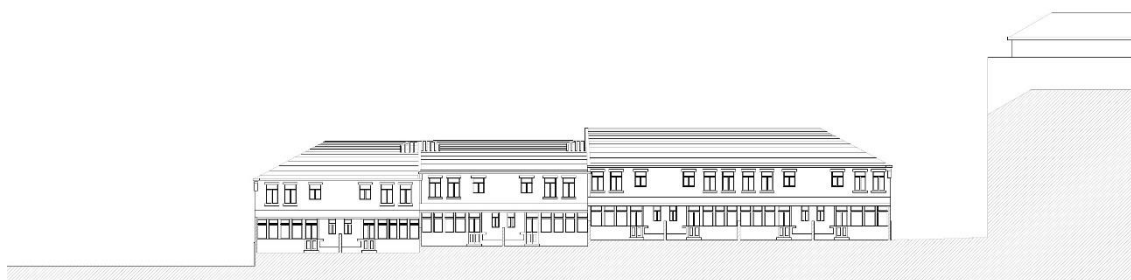
<sup>2</sup> Cf. CHOAY, Françoise – As questões do Património, Arte & Comunicação Edições 70, Junho de 2018



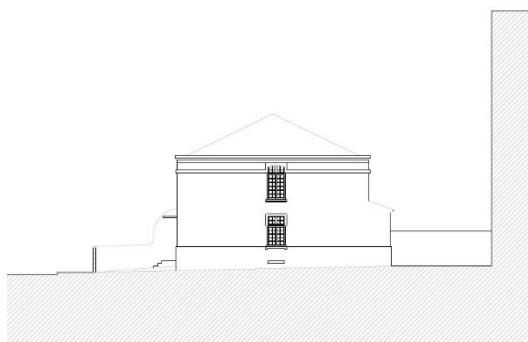
Img.01 – Planta de Localização da Área de Intervenção, s/esc.



Img.02 – Alçado do Conjunto em Estudo, s/esc.



Img.03 – Alçado Tardoz, s/esc.



Img.04 – Alçado Lateral, s/esc.

## Objecto de Estudo

*"Aprender a ver, que é fundamental, para um arquitecto e para todas as pessoas. Não só a olhar, mas a ver em profundidade, em detalhe, na globalidade."*<sup>3</sup>

O presente trabalho de Projecto centra-se num conjunto habitacional abandonado, composto por 8 habitações em banda e localizado na Rua 5 de Outubro, com os números de polícia, 527, 535, 543, 551, 559, 567, 574 e 583 na freguesia de Ramalde na cidade do Porto. Tem como base a elaboração de um programa que requalifica o conjunto abandonado e cria novas infraestruturas de habitação.

A escolha deste edifício foi motivada pelo facto de ser um elemento esquecido no meio de uma grande cidade em desenvolvimento, uma parte da história do que aquele lugar fora, que permanece em degradação a cada dia que passa. O actual trabalho tem como finalidade dar uma nova vida àquele conjunto, aliando uma ampliação para corresponder a novas necessidades de vivência que a cidade apresenta actualmente.

A Reconstrução da cidade do Porto que ocorre na actualidade é uma boa oportunidade para visualizar com atenção o património edificado, sendo que as permanências na cidade estão a tornar-se cada vez mais raras.

O entendimento na elaboração do plano de abordagem ao objecto em estudo é um exercício que se aproxima da prática da profissão, visto que engloba diversas problemáticas que se encontram hoje em dia na hora de projectar e actuar na cidade do Porto. É importante, não apenas compreender o enquadramento do espaço em que se insere, mas também compreender as circunstâncias que podem contribuir para a sua execução.

A elaboração do presente trabalho numa primeira fase, implicou a pesquisa junto das entidades competentes da documentação existente, para que fosse possível começar a juntar uma base que permitisse entender melhor o objecto de estudo. A partir dessa informação, foi possível proceder ao reconhecimento do lugar.

---

<sup>3</sup> SIZA, Álvaro - entrevista a Bernardo Pinto de Almeida; Revista UPORTO





Img.05 – Imagem do Conjunto em Estudo



Img.06 – Imagem do Conjunto em Estudo

Deparei-me com um edifício numa fase de abandono profundo, ligeiramente alterado em relação ao projecto elaborado inicialmente. Procedi, assim, à recolha de informação e levantamentos necessários para uma melhor compreensão de como se encontrava o edifício.

Após esta análise e tendo em conta a situação actual do lugar, juntamente com a possibilidade do que poderia ser elaborado, além do existente, tendo por base o PDM e o REGEU, foi desenvolvida a proposta que apresento ao longo deste trabalho.



## **Evolução da Cidade do Porto**

*"O Porto é a cidade mais incómoda que eu conheço, mas eu gosto muitíssimo da cidade do Porto. Não há cidades feias, há cidades difíceis."*<sup>4</sup>

Nos finais do sec. XVII, a cidade já era minimamente estruturada, com uma forte inclinação para o comércio marítimo e era dotada de uma certa autonomia.

A cidade do Porto, após a Restauração da Independência, teve significativo destaque económico, em grande parte por conta do aumento da produção agrícola. Como consequência, parte da população que residia fora da cidade viu com bons olhos a migração para o centro da cidade, à procura de uma oportunidade de uma vida melhor. Esta alteração foi o principal motivo para a necessidade de expansão da cidade do Porto.

O processo de urbanização do período Mercantil, que ocorre no interior da Muralha Fernandina, ocupa os espaços remanescentes das expansões anteriores. Destaca-se a presença de zonas bastantes saturadas em termos populacionais, como a zona da Ribeira por ser uma área perto do rio. O crescimento que é estabelecido nesta altura é consideravelmente desordenado, há apenas a preocupação de preencher áreas sobrantes da forma que é possível, sem planos reguladores ou imposições legislativas, como existem nos dias de hoje, que faz com que resultem arruamentos estreitos e bastante ingremes.

A sobrelotação e a impossibilidade de construção dentro dos limites amuralhados necessitavam de uma solução, que dava início a um novo processo de urbanização em definitivo. Cria-se, assim, uma abordagem que garante a construção da cidade no exterior dos limites da mesma. Esta construção na periferia proporciona uma nova estratégia expansionista para a cidade.

Os primeiros indícios desta intenção são vistos na materialização de conventos e estabelecimentos assistenciais, como os espaços exteriores equipados com fontes que permitem aglomerações, que nos seus conjuntos acabariam por servir de pólos e praças exteriores ao perímetro fortificado das saídas da cidade.

---

<sup>4</sup> SIZA, Álvaro – Entrevista Público;  
[https://www.si.ips.pt/ese\\_si/web\\_base.gera\\_pagina?P\\_pagina=28247](https://www.si.ips.pt/ese_si/web_base.gera_pagina?P_pagina=28247)

No interior da cidade continua a haver uma densificação que se alastra em simultâneo, à medida que a cidade se desenvolve na periferia.

No sec. XVII, o crescimento económico da cidade resulta, mais uma vez, na expansão urbana e, conseqüentemente, resulta na perda de importância militar da Muralha Fernandina. Com o decorrer do tempo a sua destruição parcial é reaproveitada para ser reutilizada em novas obras, que foram sendo desenvolvidas ao seu redor.

Destaca-se a criação de Obras Públicas, lideradas pelos Almadas, que representou uma melhoria das infraestruturas de abastecimento de água até a organização de espaços públicos. Criam-se vias de acesso e reestruturam-se as existentes, que resulta um eixo no exterior da muralha.

Após as alterações acima descritas, é notório uma intenção de melhoria do desenho consolidado tanto que existe a demolição de algumas edificações para a criação de espaços públicos e reestruturação de outros existentes. A reconfiguração da cidade pretende aliviar a sobrecarga da malha urbana, que resulta na melhoria da relação entre a zona ribeirinha e a cota mais alta da cidade. As modificações que decorrem neste período mencionado, melhoram o desenho da cidade, aprimoram as questões de higiene, o que vem ser a base para a urbanização contemporânea.

Na actualidade, a cidade do Porto conta com uma área de 45km e um número de habitantes que ultrapassam 214 mil, de acordo com o INE. Tem um centro histórico Património Mundial considerado pela UNESCO desde 1996. Apresenta um património preservado que varia desde monumentos religiosos, passando por equipamentos urbanos, inclusive museus de arte contemporânea. Tem uma boa relação com as condicionantes geográficas da cidade, que apresenta uma relação directa com o Rio Douro, com grande atenção na zona da Baixa Ribeirinha e na zona que corresponde ao antigo centro histórico.

As regiões na zona histórica da cidade no seu processo de formação do tecido urbano, os seus traços remetem à idade Média. A formação dos lotes é conhecida pelas suas frentes estreitas e com variações na sua profundidade. Os perímetros são rectangulares irregulares e apoiam-se num loteamento orgânico que corresponde ao período medieval onde há formas de planeamento urbano e cresceu de uma forma espontânea e completamente desordenada.

As variações do desenho dos quarteirões influenciaram as geometrias e as tipologias referentes ao loteamento. A próxima relação ao Rio Douro, com circunstâncias singulares devido a topografia, onde teve um claro impacto no desenho do quarteirão. As zonas onde o tecido urbano histórico tem uma presença considerável pendente que obriga a edificação a adaptar-se ao que a topografia permite.

O piso térreo tem aberturas voltadas para a rua, o que permite o acesso directo. Dentro do período Mercantilista classifica-se dois tipos de edifícios de habitação, a casa de uma só frente com ou sem logradouro. Nesta tipologia a casa de uma só frente, abre-se directamente sobre a rua e a implantação é responsável por ocupar o lote na sua totalidade, que por sua vez não tem logradouro. Esta composição é considerada a mais antiga em edifícios de habitação corrente no Porto.

Existe variação relativa às aberturas para a composição das fachadas que demonstram uma leitura de composição das fachadas que expressam a ideia de uma cidade concebida da relação com a rua. Relativamente ao método de construção existe uma simplicidade de construção, é utilizado granito nas paredes, a estrutura de suporte dos diversos pisos e do telhado é em madeira. As divisões para compartimentação são feitas em tabique e o chão tem o acabamento em soalho e granito.

Com o passar do tempo, as habitações vão sendo alteradas à medida que a cidade vai evoluindo juntamente com a mentalidade das pessoas e as suas novas necessidades. O desenvolvimento da habitação burguesa ocorre de maneira continua, relacionado com economia da burguesia.

Na zona próxima ao limite muralhado, que corresponde as áreas de expansão nota-se um aumento do tamanho do lote, que altera o próprio edifício com o seu logradouro. Denomina-se como Casa do Porto Iluminista.

Em relação a este modelo de habitação, pode-se considerar devido aos aumentos por conta dos terrenos mais generosos as habitações possuem frentes maiores, construções mais profundas e os lotes têm sempre uma área livre destinada ao logradouro. Sobre a materialização desta nova tipologia, pouco varia em relação à anterior. Contudo, existe um acréscimo na utilização do ferro nas guardas das varandas. As paredes do rés do chão continuam em granito e as divisões interiores em tabique. Podemos constatar que existe uma continuidade associada à edificação de habitação corrente no Porto. Em comparação à anterior destaca-se porque há uma preocupação com a pormenorização do edifício, uma atenção ao detalhe estético, onde podemos verificar a presença de cornijas e beirais desenvolvidos como também nas variações apresentadas nas padeeiras em arco.

A principal alteração da casa burguesa, encontra-se na sua disposição interior, onde existe a imposição da área de serviço, nomeadamente a cozinha se situar nas traseiras do primeiro piso. Existem alterações subtis no processo de transição e disposição da área interior.

Na segunda metade do sec. XIX as transformações são mais evidentes, devido à expansão da cidade, o que significou não só o aumento da cidade, mas também uma nova estratégia de urbanização que configurou uma divisão social da cidade.

A respeito da casa burguesa neste período, podemos encontrar duas tipologias principais. A primeiras acrescentam a instalação sanitária nas traseiras dos edifícios, há aumentos nas áreas de arrumos e arrecadações e um aumento do pé direito. Devido aos logradouros de alguma escala, potenciam o desenvolvimento de hortas e jardins.

A segunda categoria revela lotes de maior dimensão, que permitem a construção de edificações maiores denominadas como palacetes. Quanto à construção, não se observa grandes mudanças construtivas, garantem uma continuidade da forma de construir, utiliza novamente granito, elementos em ferro, madeira e utiliza nos revestimentos exteriores azulejo. Neste período a casa burguesa constitui-se num processo principalmente de repetição mantendo os mesmos materiais com um intuito caracterizador de uma habitação unifamiliar como podemos encontrar no lugar em estudo.

## **Freguesia de Ramalde**

A freguesia de Ramalde no século passado, caracterizou-se por ser uma zona predominantemente rural e responsável pelo cultivo de cereais que abasteciam grande parte da cidade do Porto. Hoje, a freguesia encontra-se completamente transformada em relação à sua planificação. A mesma apresenta-se significativamente densa e hoje com poucas zonas que não estão ocupadas, o que mostra um novo período de transformação nesta área.

É reconhecida por conta da sua cultura, que foi mencionada pela primeira vez num documento onde a Rainha D. Mafalda terias feito uma doação ao Mosteiro de Arouca para construção de um antigo Mosteiro.

Apesar do seu afastamento do centro e da zona histórica da cidade do Porto, a freguesia desde o sec. XVIII já ostentava património arquitetónico, destacava-se a Quinta do Viso, a Quinta da Prelada e também a casa de Ramalde. Contudo só em 1895 passa a fazer parte do concelho de Porto, limita-se a norte com Matosinhos, a sul com Lordelo do Ouro, a nascente com a freguesia de Paranhos e Cedofeita e a poente com a freguesia de Aldoar.

As primeiras amostras de transformação deste lugar remontam aos anos de 1880 com a criação de indústrias que se instalaram na zona, tirando partido da água que ali existia. Entretanto, em 1881, com o surgimento do primeiro centro têxtil do concelho de Bouças, que englobava outras freguesias, mas também Ramalde, é que se pode afirmar que se instaura de maneira introdutória o que vinha a ser o polo industrial da freguesia.

A criação deste polo resulta consequentemente no aumento da oferta de trabalho que, por sua vez, tem como consequência o crescimento populacional desta zona. Devido ao crescimento migratório para a freguesia, criam-se habitações destinadas à classe operária que, efectivamente contribuíram para o desenvolvimento da região naquele período.

Em 1956, após o Plano de Melhoramento da Cidade, é que a freguesia de Ramalde perde a sua atmosfera camponesa e passa a ser referência entre a classe trabalhadora por conta da sua proximidade com a zona industrial. É durante este período que ocorre uma reformulação significativa frente ao modelo habitacional existente, que até à data era composto maioritariamente pelas “ilhas” que viriam a ser bairros sociais. Esta tipologia habitacional é responsável pela melhoria das

condições de higiene e salubridade necessária para um melhor estilo de vida da classe trabalhadora.

De alguma forma a construção destes bairros sociais ajudou a consolidar a identidade da freguesia que consolidasse a população mais pobre de forma digna.

Com o crescimento de uma procura por habitação, devido à expansão natural da cidade do setor industrial, a freguesia vê-se forçada a atender esta necessidade e a dar espaço para que fossem desenvolvidas as condições próprias para as mesmas. Passados 60 anos do último Plano desenvolvido, ainda é possível observar as ilhas que sobrevivem e resistem às pressões, quer do tempo, quer do crescimento da especulação imobiliária. As ilhas, como os bairros, casas burguesas e até palacetes resistiram às imensas transformações que conferem a identidade da cidade.

A freguesia de Ramalde apresenta 38 mil habitantes espalhados pelos 5km que configuram a sua área total, onde inclui zonas junto dos bairros sociais. Por fim, nota-se uma recente reestruturação, engloba novos valores, demonstra a introdução de novos valores, marcando o início dos novos tempos e de novos valores. Este fenómeno não é exclusivo desta zona nem da cidade do Porto, verificando-se com maior frequência nos centros históricos dos principais países europeus.



Img.07 – Imagem do Conjunto em Estudo



Img.08 – Imagem da via pedonal

## O Lugar de Intervenção

Ao percorrer a Rua 5 de Outubro consegue-se perceber a diversidade de edifícios existentes, onde há predominância de edifícios de estatura média com o rés do chão voltados para o comércio, variando de supermercados, restaurante e pequenos mercados. Existem claras excepções, que se pode observar que resistem ao tempo e às pressões imobiliárias. Alguns dos edifícios já estão bastante descaracterizados, outros mal cuidados e outros já foram recuperados. A via ao longo desta rua oferece um passeio com alguma dimensão. Existe vegetação isolada e podemos encontrar estacionamento ao longo da via.

Existe uma variedade tipológica onde se destaca a presença de antigos conjuntos operários habitacionais, em travessas perpendiculares à Rua 5 de Outubro, que mantêm viva a memória de outros períodos da cidade. Existe infraestruturas que permitem uma facilidade de transporte devido a proximidade com a Praça Mousinho de Albuquerque e a estação da Casa da Música. Em termos de infraestrutura rodoviária existe um acesso directo e rápido à Via Cintura Interna.

O conjunto de casas em estudo destaca-se logo e chama atenção pelo estado em que se encontra e pelo seu cariz particular que possui. O edifício selecionado para o projecto, pelo contrário, caracteriza-se por ser uma excepção relativamente ao seu entorno. Este apresenta um volume baixo, continuo de baixa estatura e com uma área que o separa dos edifícios que se encontram ao seu redor. Assenta numa esquina movimentada que está livre, servindo de estacionamento e ocupa a totalidade do quarteirão na Rua 5 de Outubro. O tamanho do lote e o afastamento das edificações vizinhas tornou possível o parcelamento, implementando generosos espaços ajardinados privados tanto nas traseiras como na frente do conjunto, separados por muros de pedra.

Analisando com maior detalhe, entende-se que o conjunto de oito casas assenta sobre a pendente que vemos no final da Rua 5 de Outubro. As primeiras quatro casas encontram-se à mesma cota, enquanto que as casas seguintes que foram construídas posteriormente, possuem um desnível que assenta numa cota mais baixa e as duas últimas casas repetem o mesmo procedimento e com a presença dos poços de luz, ajudam a marcar essa transição.

O muro alto existente marca a delimitação do espaço privado no alçado principal, existe um pequeno pátio que precede o acesso ao interior das casas.





Img.09 – Imagem de Fachada



Img.10 – Imagem de Pormenor de Vão

Na cornija do volume encontra-se um painel de azulejo que possui emoldurado em granito, onde a maioria dos azulejos já não se encontram presentes ao longo do volume. O azulejo intercala-se com as aberturas existentes que ornamentam o edifício.

A identificação de cada unidade no conjunto pode ser feita através do número de vãos, cada casa apresenta três aberturas. No rés do chão corresponde duas janelas e uma porta que permite acesso ao interior, as aberturas correspondem às janelas. Existe um claro cuidado do desenho das aberturas que são emolduradas em pedra de granito. As peças que compõem os marcos das janelas são regulares e estão assentes numa base que serve de pingadeira e faz protecção às infiltrações nas aberturas principais do alçado. O vão correspondente à porta, é o mais identificável porque é de menor largura que os outros, está assente no topo de uma pequena escadaria que está protegida por uma cobertura, originalmente de telha com estrutura de madeira.

Na parte superior, o emolduramento das aberturas é exactamente igual entre si, variando apenas na largura das aberturas. Os vãos superiores diferenciam-se do piso inferior devido aos arcos achatados que ajuda na composição do alçado.

O alçado na Rua de Sá Moreira demonstra a menor dimensão do conjunto edificado, que esta perfeitamente alinhado com o limite do volume, o muro de pedra irregular, mais alto do que o existente alçado principal que se encarrega na separação da área pública e privada. Neste alçado destaca-se a presença de duas aberturas, centralizadas e em cada piso. Na parte superior abaixo da cornija nota-se a falta do painel de azulejos emoldurados por peças de granito até ao limite final do alçado.

As aberturas são regulares e as molduras carecem do mesmo formato que as do alçado principal, porém surgem de maneira mais modesta. O remate das aberturas é mais simples, sem ornamentos e compostos por uma única pedra. Na parte superior tem como ligação uma pedra que encaixa na parte de superior da abertura, com as duas extremidades voltadas para as laterais da janela, que apresenta uma variação.

Localizado nas proximidades do viaduto de Pedro Hispano, encontra-se o alçado orientado a norte, onde é de destacar a presença de um edifício de 6 andares com um piso térreo comercial. Semelhante ao outro alçado de menor dimensão, este apresenta as mesmas características e o mesmo número de aberturas. Localiza-se a uma cota mais baixa ao alçado sul, contudo faz-se notar a presença de um segundo muro mais afastado e que acaba por originar um pequeno corredor.





Img.11 – Imagem de Fachada Lateral



Img.12 – Imagem de Fachada Tardoz

O alçado poente corresponde à fachada interior do lote, onde se encontram os logradouros privados das casas com anexos que compõe o conjunto e que se encontram devolutos. Junto ao volume principal temos antigos quartos de banho que por uma questão de higiene se encontravam separados da casa principal. O alçado tardoz é muito mais pobre, sendo o único que não apresenta azulejos na sua composição, mas apresenta a mesma cornija imponente que se faz sentir nos outros alçados. Encontram-se os vestígios das chaminés que se encontravam na cobertura, praticamente no alinhamento do alçado.

Os vãos traseiros são regulares e modestos no seu desenho. No rés do chão, aberturas de cada habitação organizam-se em grupos de três, tem dimensões bastante consideráveis. Todas as aberturas do rés do chão estão emolduradas novamente com granito, desta vez sem excessos de ornamentação.

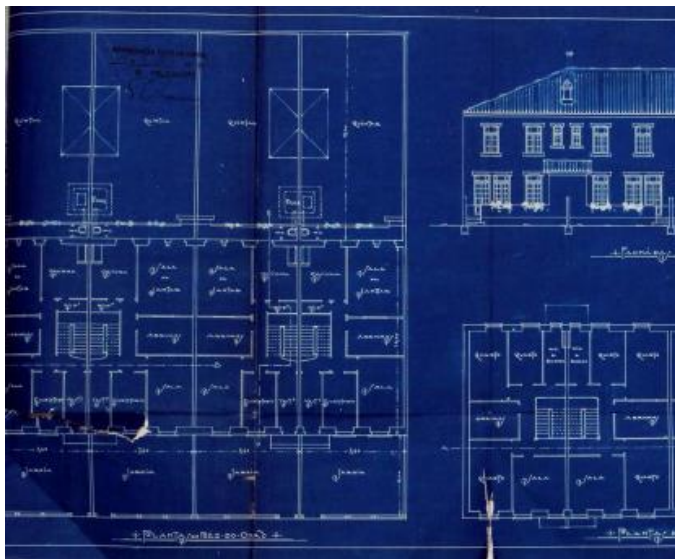
Relativamente aos espaços interiores, pouco se pode dizer visto que não resta muito devido estar devoluto, o que se encontra no interior são os destroços de cada habitação.

As últimas quatro casas encontram-se na cota inferior, são as mais bem preservadas por conta da cobertura onde ainda é possível ver a estrutura em tabiques.

A maior parte da caixilharia das casas está destruída, embora ainda restam algumas que permitem compreender a sua estereotomia.

No alçado posterior, junto aos pátios privados os caixilhos acompanham o formato do vão que se inserem respeitando a subdivisão. A solução adequa-se também para as grandes aberturas do rés do chão por estarem compostas pela parte movel e pela parte superior. Os caixilhos são em madeira e o seu acabamento original era pintado.

Após o estudo da presente cobertura, percebe-se a utilização tradicional das telhas Marselha com os tradicionais ripados e asnas de madeira comuns na construção portuguesa. A cobertura existente acompanha o estado geral da habitação e pode-se constatar que a estrutura poderá estar prestes a colapsar devido à falta de manutenção e a sua exposição ao tempo.



Img.13 – Imagens de Processo de Licenciamento 1º Fase



## **Primeira Fase de Construção**

Apesar do estado actual das casas, pode-se afirmar que a construção das habitações apresentou um refinamento no que se pode confirmar nos documentos referentes que o comprovem.

De acordo com um projecto de arquitectura elaborado pelo arquitecto Inácio Pereira de Sá, demonstra grande atenção ao desenho em termos estéticos e harmonia do projecto, pode-se afirmar que as casas foram concebidas num alto padrão construtivo e também que o conjunto atendia os requisitos estilísticos onde as habitações se enquadravam numa tipologia mais recorrente da cidade do Porto. Seriam caracterizadas como casas tipicamente burguesas associadas em banda.

As primeiras casas, localizavam-se próximas à Rua Moreira de Sá eram generosas no seu tamanho e na sua compartimentação interior. A área de cada casa tem em torno de 110m<sup>2</sup>, totalizando 220m<sup>2</sup> por unidade de habitação dispostos em planta rectangular, medindo aproximadamente 8m no menor sentido e 14m na sua maior dimensão. O acesso marcado por uma pequena cobertura é precedido por um modesto pátio e uma escada de granito que tinha como função ajustar a cota de entrada da residência com a cota descendente do jardim.

A primeira parte da habitação tem um carácter mais público, encontra-se voltada para a Rua 5 de Outubro, que é por onde se acede. Possui um pequeno escritório e a sala de estar, ambos devidamente virados para o pátio exterior. Encontramos a escadaria no centro da habitação, na parte de trás temos a zona da cozinha e sala de jantar onde existe a ligação directa ao logradouro. Foi adicionado um pequeno volume que continha o quarto de banho.

A escadaria que conduz ao segundo piso onde se encontra a área mais privada da habitação, apresenta três quartos dos quais 2, um de maior dimensão e outro de menor, orientavam-se às traseiras do lote, enquanto o quarto de maior dimensão orientava-se a rua 5 de Outubro. Apresenta uma sala de arrumos além de um quarto de banho próximo ao quarto de menor dimensão em frente a escadaria tinha-se a sala de estar.

Após a visita ao terreno, com apoio da documentação relativa ao projecto inicial de licenciamento, foi possível observar e anotar os seus aspectos construtivos.



Img.14 – Imagem de Pormenor Fachada



Img.15 – Imagem do Logradouro e Fachada Tardoz

As primeiras casas constroem-se de forma idêntica, agrupadas em pares onde a segunda casa é o espelho da primeira do que se refere à planta, tendo as escadarias interiores encostadas à parede de meiação. O espelhamento acontece ao longo de todas as outras habitações. As casas assentam na mesma cota e possuem os mesmos acabamentos, quer no exterior quer no interior conferindo uma uniformização da volumetria.

As paredes são em alvenaria de 0,30cm e 0,40cm de espessura, todas as madeiras na construção seriam de pinho, sendo as exteriores em madeira pintada. Na cobertura foi utilizada a telha nacional do tipo Marselha. Todas as figuras das fachadas, portas, janelas e faixas eram toscas e revestidas a argamassa de cimento.

Originalmente, as primeiras quatro casas viriam a ter o seu exterior e paredes de meiação compostas por alvenaria de granito e argamassa. As paredes possuem uma dimensão de 0,40cm e pela maneira que os edifícios se encontram, deduzo que possuem estas dimensões por ser alvenarias portantes. A estruturas dos vãos são estabelecidos de maneira convencional, apresentam um lancil de parapeito e ombreira, também lancil de padieira, todos em granito.

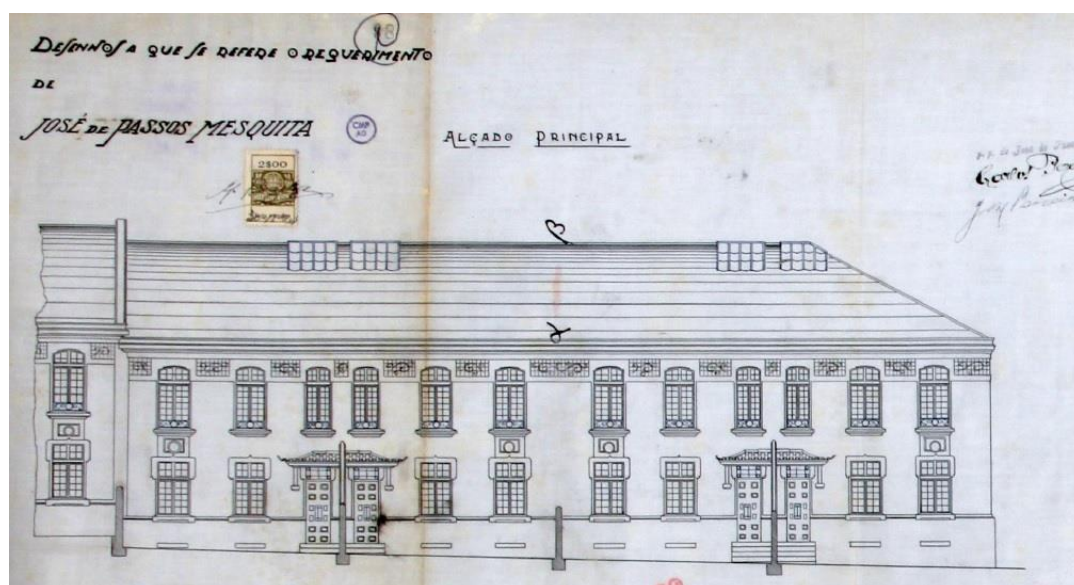
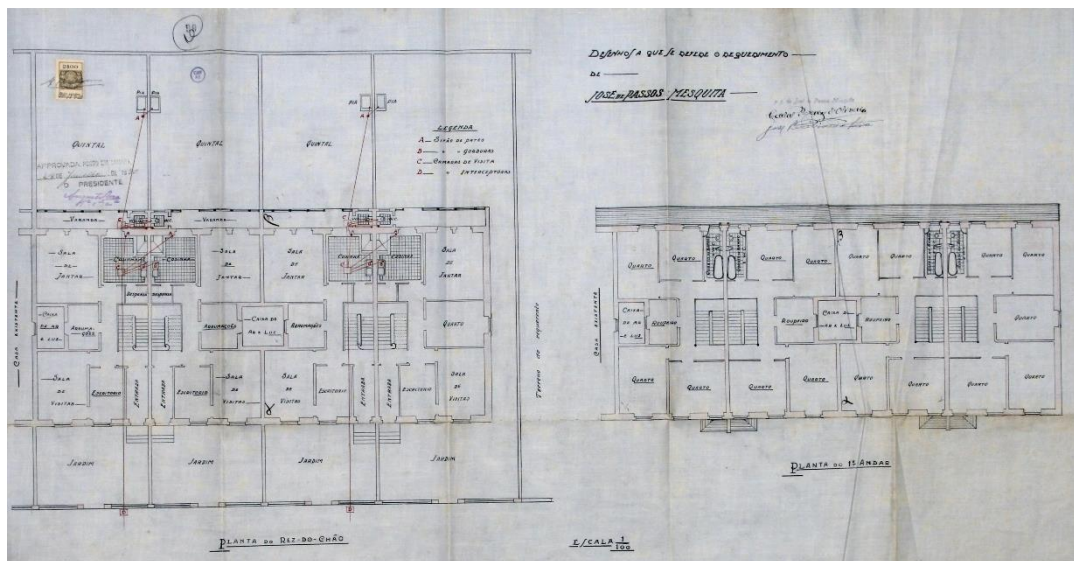
A nível dos acabamentos interiores são revestidos em azulejos que variam e as restantes paredes eram frequentemente rebocadas e pintadas. No revestimento exterior verifica-se a presença de um isolamento, possivelmente asfáltico, seguido por uma camada de argamassa e tinta.

As compartimentações interiores eram feitas em tabiques, como era costume. Os poucos elementos de tabique que se encontram no local estão no meio dos destroços da casa que permitem estabelecer uma premissa de como seriam elaborados.

Verifica-se no interior das paredes de meiação pequenas aberturas rectangulares que permitem a fixação dos barrotes de madeira que estruturava o soalho. Nos alçados, por baixo das janelas podemos observar uma pequena janela que permite ventilar a parte inferior do soalho, removendo, assim, a humidade que se acumulava, aumentando a durabilidade do soalho.

Acerca das coberturas, a primeira parte do conjunto encontra-se completamente sem qualquer vestígio não sendo possível confirmar se a estrutura é idêntica à primeira. Verifica-se nas paredes de meiação das primeiras habitações, aberturas regulares que possivelmente serviram para encaixar a estrutura do telhado.





Img.16 – Imagens de Processo de Licenciamento 2º Fase

## **Segunda Fase de Construção**

Passados oito anos após o início da construção das primeiras quatro casas, o mesmo proprietário procede ao pedido da licença para a construção de mais quatro casas em continuidade da pré-existência, finalizando, assim, o conjunto que encontramos na actualidade.

As novas casas vêm completar a frente do quarteirão, voltado para a rua 5 de Outubro. As novas habitações encontram-se de acordo com a pendente aproximadamente 66cm centímetros abaixo das casas existentes. Entretanto por conta do estado de falta de conservação de ambas as casas, pode-se pensar, de forma aparente que se te trata de um conjunto feito em simultâneo.

As novas unidades seguem os mesmos padrões estéticos e respeitam os limites que se encontram estabelecidos na primeira fase de construção. O desenho do alçado é o mesmo, foram preservadas as proporções das aberturas que seguem o mesmo desenho, tendo todos os compartimentos interiores o mesmo desenho.

Entretanto, tendo em conta as exigências da Câmara Municipal do Porto à necessidade de melhorar as questões do âmbito da higiene da edificação. Implicaram o aumento da luminosidade e exposição solar, tendo sido incorporados poços de iluminação.

O poço de ventilação aparece por completo entre as casas seis e sete enquanto na casa cinco por conta da pré-existência já consolidada da quarta habitação, o poço de ventilação aparece com dimensões mais reduzidas.

Estas novas exigências, provocaram impacto na zona que corresponde à circulação vertical. A escadaria preserva a mesma posição em relação à primeira fase, onde se nota diferenças é na cobertura, porque existe uma quebra nas telhas Marselha onde estão presentes as claraboias. As claraboias possibilitam a iluminação directa sobre a escada, iluminando desta forma o interior das habitações em ambos os pisos.



Img.17 – Imagem Conjunto 2º Fase



Img.18 – Pormenor Cornija



Na habitação mais próxima do viaduto Pedro Hispano, existe um corredor exterior, entre a parede exterior da habitação e o muro exterior que delimita o terreno, onde esta nova circulação permite a conexão do jardim frontal a o logradouro interior privado.

No fim deste corredor podemos encontrar um anexo que poderia servir como arrumos.

A segunda fase melhora substancialmente o conjunto, demonstrando uma clara intenção de dar continuidade de carácter ao conjunto no seu todo, sem comprometer a sua concepção global.

## Contexto actual da Cidade do Porto

*“O condicionamento sofrido pelo património urbano histórico tendo em vista o seu consumo cultural, bem como a sua disputa pelo mercado imobiliário de prestígio, tende a excluir dele as populações locais ou não privilegiadas e, com elas, as suas actividades tradicionais e modestamente quotidianas.”<sup>5</sup>*

Na última década a relação com o Património na cidade do Porto, alterou-se profundamente devido ao aumento do turismo em Portugal.

Os efeitos da crise, aliados à falta de oferta de trabalho em Portugal foram responsáveis pela falta de mão obra qualificada durante muitos anos, sobretudo da parte mais jovem da população. O que levou a imigração, diminuindo a população por falta de oportunidade de trabalho.

A desvalorização da economia portuguesa, fez como que o país se tornasse relativamente barato em comparação com outros países europeus que coincidiu com a afirmação de empresas de aviação como a RyanAir e EasseyJet que acabaram por ser determinantes para atrair turistas no período pós-crise.

No que se refere ao alojamento, destinado a turistas, o principal modelo que se mostrou bastante vantajoso seria Airbnb, o sucesso deve-se em grande parte, aos preços baixos no setor tradicional hoteleiro, a localização dos imóveis com proximidades dos centros históricos que acaba por proporcionar uma boa experiência ao local.

Rapidamente o setor imobiliário acabou por começar a praticar um aumento nos preços das habitações sobretudo nas zonas mais centrais do Porto. Em primeira estância resultou numa recuperação da zona histórica para conseguir oferecer maiores atrativos e serviços aos visitantes. Passou a recuperar edifícios degradados nas zonas de maior interesse para servirem os visitantes da cidade. A rede hoteleira acabou por aderir ao mesmo modelo de negócio e reformulação do edificado para poder oferecer uma melhor experiência.

O que se vive actualmente no centro histórico do Porto é uma área onde se concentram ruas requalificadas, edifícios reabilitados, mas na maior parte dos casos apenas mantida a preservação das fachadas.

---

<sup>5</sup> CHOAY, Françoise – Alegoria do Património, Edições 70, Junho de 2018

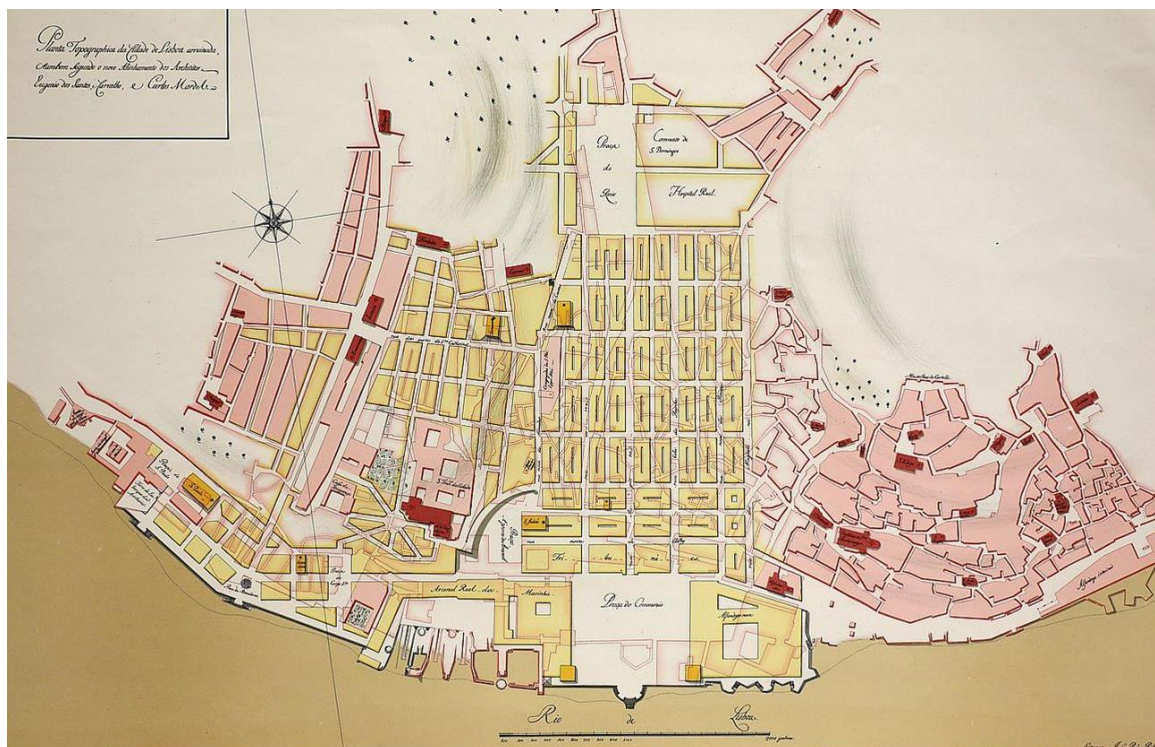
O que resultou num descontrolo, resultante dum processo sem uma metodologia programada das acções do turismo. Em grande parte as medidas efectuadas tiveram consequências negativas conforme ocorreu noutras cidades devido ao aumento elevado do turismo. Por um lado aumentou a requalificação visual da cidade por parte de grandes edifícios abandonados houve também um incremento de preços no alojamentos o que levou a população com salários mínimos na relocação para zonas mais afastadas.

Enquanto, por um lado, a cidade aparenta uma recuperação e modernização que é realizada para usufruto dos turistas, já a maioria da população não consegue resistir à força do mercado que, de uma forma excessiva, impulsiona a destruição da identidade original da cidade.

Contudo, existiu uma expansão chegando a zonas mais afastadas do centro da cidade, criando novas centralidades, associados a marcos de referência e novos polos. Entretanto, o desenvolvimento das zonas mais afastadas frequentemente não se tornam alvo de interesse imobiliário com a mesma força que existe no berço da cidade. Desta forma, para a maior parte da população que não suporta e não consegue acompanhar os valores estabelecidos pelos mercados apenas pode recorrer para zonas mais afastadas. Caso aconteça o mesmo processo nessas áreas, irá verificar-se a mesma descaracterização por meio da sua requalificação e o seu incremento do valor de arrendamento ou venda.

A questão acerca da identidade da cidade reflete os elementos que conferem singularidade como as atividades típicas que decorrem das dinâmicas da região, como a cultura, costumes e as pessoas são o que fazem essa identidade permanecer intacta. Não são só os monumentos e o edificado que garantem a identidade, são uma peça fundamental, mas a permanência da população local é o que permite que os valores sejam mantidos no respeito ao que à cidade dita.

Posso afirmar que o património, sobretudo edificado definido pela arquitectura tem o poder pelo que o seu valor histórico representa e pela sua individualidade está intimamente ligado com a identidade local.



Img.19 – Proposta Reformulação Baixa Lisboa



Img.20 – Imagens após o incêndio - Chiado

## Casos de Estudo

### Chiado

*"Nunca há rupturas absolutas em arquitectura, ninguém inventa nada!"<sup>6</sup>*

O violento tremor de terra que em 1755 arruinou metade da cidade de Lisboa, provocou a transformação da cidade de uma forma importante e singular no panorama português.

Revelando assim um modo de pensar extremamente coerente nas dimensões urbanísticas e arquitetónicas, mostrando uma atenção imensa para com a cidade.

A cidade reconstruída representou uma impressionante manifestação ideológica e formal. A nova cidade foi criada do nada, mas dentro de precedentes, preenchendo os espaços vazios das zonas danificadas, refazendo novos valores, simbologias e monumentos continuando a expansão com as áreas adjacentes dando grande atenção à ligação do novo com o antigo. Tratou-se de uma operação de modificação do que inovação. Representa a ruptura de determinados fragmentos e acaba por ser feita a criação de novas continuidades e hierarquias. Foi fruto de um basto processo de modelos teóricos baseados e influenciados pelas experiências e memórias dos arquitectos da época que tiveram total impacto da forma urbana que dele proveio.

Em 1988 Lisboa passou por uma nova tragédia no qual um incêndio atingiu dolorosamente o Chiado, onde se perdeu uma parte da história da cidade.

*"Difícilmente se pode enquadrar a sua obra nos diferentes ismos que o Movimento Moderno da arquitectura tem engendrado."<sup>7</sup>*

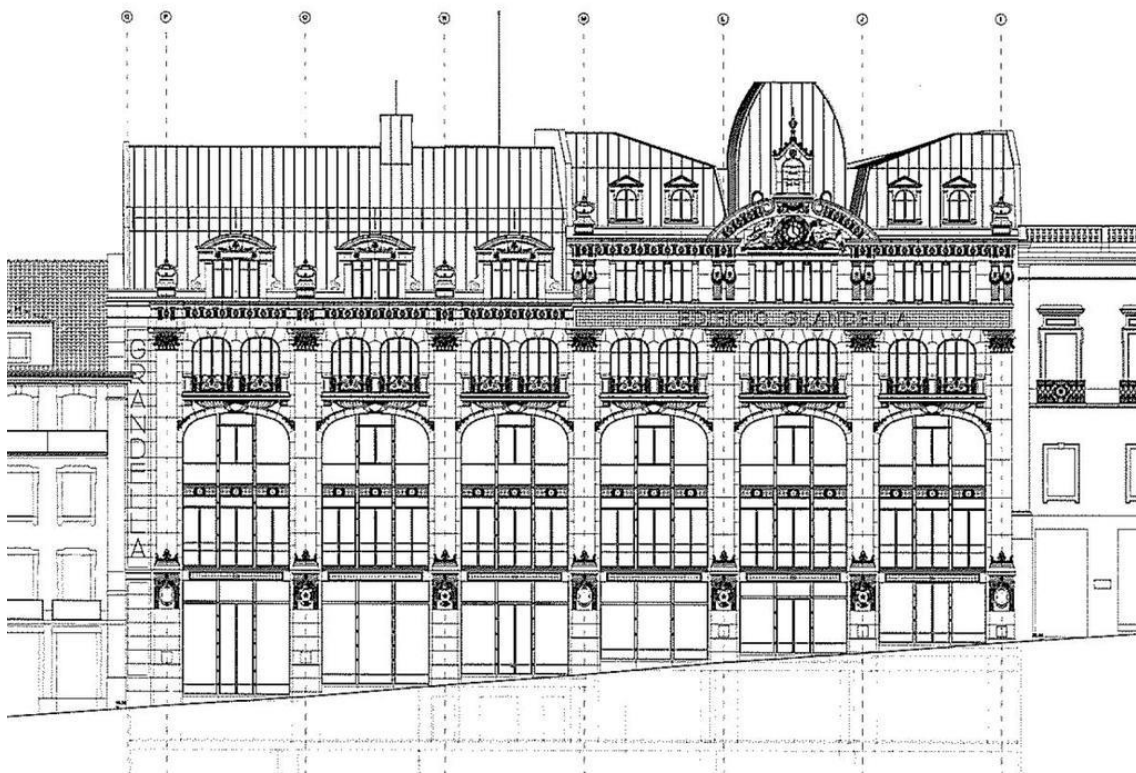
O trajecto deste redesenhar de uma história perdida não se enquadra nas classificações normais, pode-se detectar as referências, estudar o método ou tentar imitar o formalismo dos desenhos apesar que não é possível refazer o sentido do que já foi feito. Não se trata da procura a qualquer preço da inovação para marcar a diferença, trata-se de ajustar uma metodologia perfeitamente estruturada, às

---

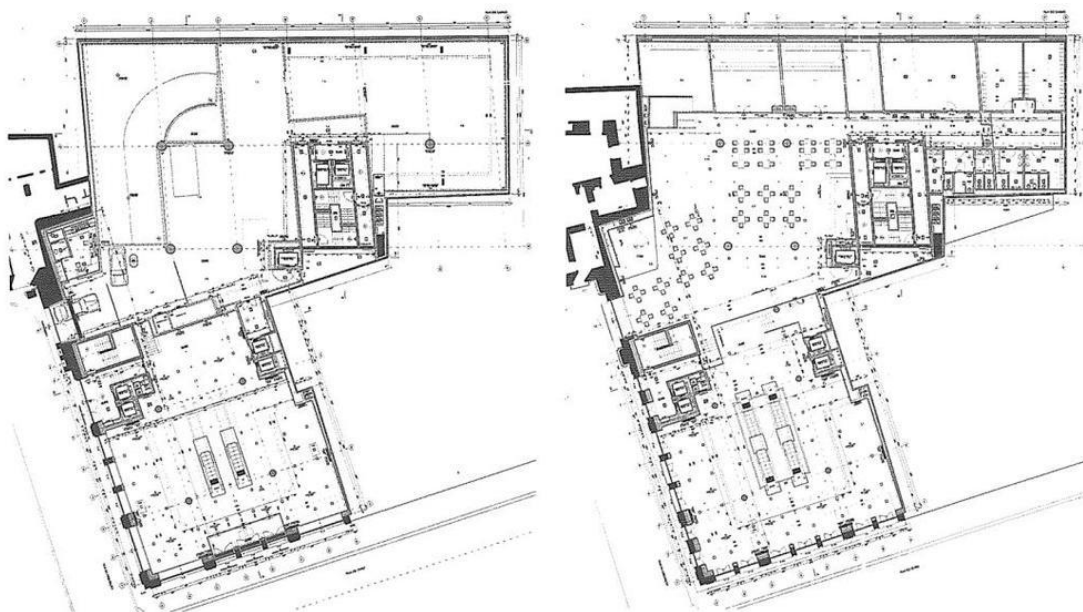
<sup>6</sup> SALGADO, José - Álvaro Siza no final da estratégia, in: SIZA, Álvaro - A reconstrução do Chiado. Lisboa : ICEP, 1994, pág. 173

<sup>7</sup> SALGADO, José - Álvaro Siza no final da estratégia, in: SIZA, Álvaro - A reconstrução do Chiado. Lisboa : ICEP, 1994, pág. 32





Img.21 – Alçado Projecto Chiado – Siza Vieira



Img.22 – Plantas Projecto Chiado – Siza Vieira

condicionantes de cada lugar, programa ou forma. Não existe pressupostos ou receitas guardadas para serem usadas. A base é onde podemos ter o essencial do projecto, daí a importância do sítio, conhecimento prévio das suas tensões e conflitos.

O essencial provém da compreensão dos espaços e do respeito pelo lugar. Nunca há rupturas absolutas, "em arquitectura ninguém inventa nada!". Siza com a sua intervenção dispõe todo o seu conhecimento com uma afirmação de uma forte convicção pessoal que gosta de traduzir em formas limpas e seguras.

Como mestres do início do Movimento Moderno, Siza tem o talento de afirmar em simultâneo em mundos contraditórios, expondo a sua demanda do essencial sendo sempre estético, funcionalista demonstrando assim que a modernidade para se afirmar, não necessita de acrobacias tecnológicas nem de fazer tábua rasa ao passado.

Na elaboração do projecto não se deixa afectar pela dificuldade de contornar a herança pombalina na cidade nem de incluir alguma inovação. Se por um lado a imagem histórica intocável da formatação rígida que observamos na malha urbana da cidade impõe uma defesa das zonas históricas, por outro lado a oportunidade de intervir num espaço com umas características mediáticas no berço da cidade é uma grande oportunidade. Porém, o arquitecto acaba por ter uma atitude muito pragmática na sua intervenção, demonstra uma análise cuidada as pré-existências de forma a minimizar a possibilidade de erro e fundamentar as suas opções no projecto.

Siza neste trabalho pretende alcançar a verdade do lugar e a origem da cidade moderna de Lisboa. Ao manter as fachadas, garante que a leitura e a continuidade da linguagem formal dos diversos quarteirões é mantida, agora a alma desta intervenção reside nos detalhes que passam despercebidos. O arquitecto compreende o Chiado como um grande edifício, com uma abrangência global e a intervenção devia unir as "feridas" deixadas pelo incêndio.

Garante a mesma linguagem física, mas o que desenvolve no interior e nos acrescentos que decorre ao longo do projecto, são ligações e criação de novos espaços, dar novos usos, intervém a fundo no desenho urbano com rampas, escadas e pátios que completam todo o sistema de acessos.

Parecendo apenas uma limpeza das fachadas existente, uma limpeza da imagem do Chiado o arquitecto compreende a formação das fachadas, a relação do exterior com o interior do quarteirão, onde respeita as cotas dos pavimentos e onde vem dar uma qualidade urbana e arquitetónica a que o centro histórico não tinha até a data.



Img.23 – Imagem do Edifício Existente



Img.24 – Imagem da Proposta – Souto Moura



Img.25 – Alçado do Conjunto da Proposta – Souto Moura

## Souto Moura – Edifício Praça das Flores

*"Como é costume dizer-se, o arquitecto tem que estar atento ao mundo, mas por outro lado, tem que ser um bocado esquizóide. Porque quando tem que desenhar, o mundo é uma folha A4."*<sup>8</sup>

O Projecto elaborado por Souto Moura, é um projecto que levantou muitas questões e muita discórdia na sua elaboração, estando até parado devido a uma providencia cautelar da Organização Defensora do Património tendo por base um abaixo assinado para que não fosse demolido a pré-existência que se encontrava no lugar.

Este projecto encontra-se na Praça das Flores em Lisboa, vista como uma área preservada ao longo do tempo, ou vivida por muitos dessa forma. Consideram o projecto fora do contexto daquele lugar.

Este trabalho vem propor uma substituição de uma típica casa de Lisboa, com dois pisos, janelas de cantaria, varandas e águas furtadas por um prédio com uma linguagem moderna, com uma fachada recuada para dar prevalência ao jardim tardo, abrindo a fachada frontal com grandes panos de vidro para a rua utilizando betão, vidro e ferro. Com este tipo de linguagem quebra totalmente a linguagem arquitectónica com aquilo que existe ao seu redor.

Souto Moura defende que esta zona apenas possui construções sem valor patrimonial que não tem algum tipo de valor devido também as adulterações que foram sendo feitas ao longo do tempo. Por esse motivo propõe a demolição da pré-existência e cria algo novo, com uma linguagem moderna que corresponde as novas exigências de habitar do momento.

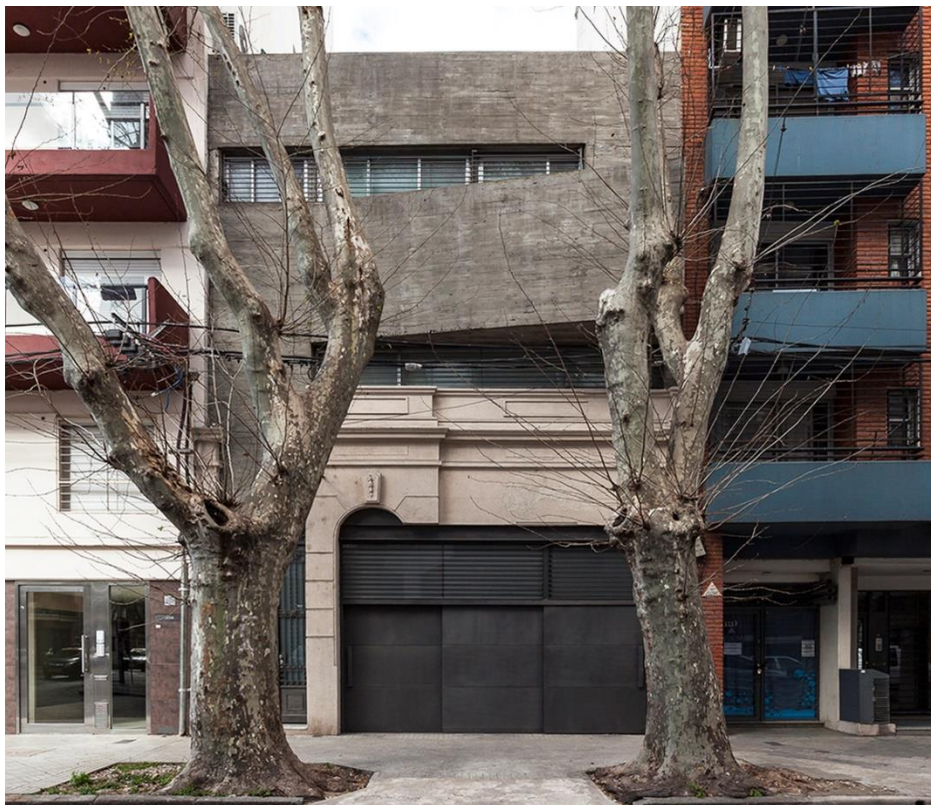
Esta abordagem é exactamente o oposto daquilo que o Arq. Siza estabelece como essência no projecto elaborado para o Chiado, com dois ambientes de intervenção diferentes. Por um lado, Siza pretende salvaguardar a continuidade da linguagem do projecto com a envolvente, enquanto Souto Moura faz uma tábua rasa à sua área de intervenção. São duas atitudes completamente aceitáveis e sempre discutidas, mas na minha opinião, ambas com uma visão e uma postura forte nas suas decisões e com uma clara noção do que o lugar possui no seu entorno.

---

<sup>8</sup> MOURA, Eduardo Souto-citado por Ana Schirmer <http://heliodon.blogspot.com/2007/12/arq-trechos.html>



## Ampliação de Edifícios ao Longo dos Tempos



Img.26 – Projecto de alteração de Arq. Walter Gustavo Salcedo, Localização: Rosario, Argentina



Img.27 – Projecto de alteração de Arq. Mariclé Scalambro, Localização: Cordoba, Argentina 2018



Img.28 – Projecto de alteração de Arq. People's  
Architecture Office Localização: Shangwei, China 2018



Img.29 – Arq. People's Architecture Office  
Localização: Shangwei, China 2018





Img.30 – Projecto de alteração de Arq. Federico Kulekdjian  
Localização: Buenos Aires, Argentina 2018



Img.31 – Autor desconhecido, Localização: Chile,  
2008



Img.32 – Projecto de alteração de Arq. CO2,  
Localização: Providencia, Chile 2016



Img.33 – Projecto de alteração de Arq. FGM,  
Localização: Montevideo, Uruguai 2014





Img.34 – Projecto de alteração de Arq. Norman Foster,  
Localização: Manhattan, Nova Iorque 2004



Img.35 – Autor desconhecido, Localização:  
Londres, Inglaterra





Img.36 – Projecto de alteração de Arq. Richard Rogers,  
Localização: Barcelona, Espanha 2011



Img.37 – Projecto original de Arq. Cassiano Branco,  
Localização: Lisboa, Portugal 1990





Img.38 – Projecto de alteração de Arq. Fernando Távora, Localização: Porto, Portugal 2002



Img.40 – Autor desconhecido, Localização: Porto, Portugal



Img.39 – Autor desconhecido, Localização: Porto, Portugal



Img.41 – Autor desconhecido, Localização: Porto, Portugal

## **Justificação e Enquadramento do Projecto**

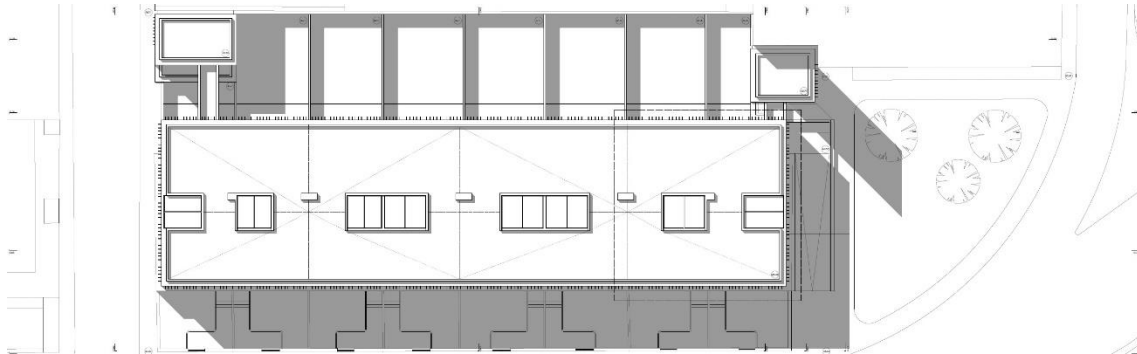
Tendo em conta os exemplos apresentados anteriormente, conclui-se que a intervenção e ampliação de edifícios ao longo dos tempos em pré-existências é algo que já acontece há imenso tempo, tanto na Cidade do Porto como noutros países. Esta sequência de exemplos serve para demonstrar diversas intervenções como decisões de projecto já realizadas.

Podemos observar, na intervenção do Arq. Fernando Távora na torre dos 24, na img. 38, que se trata de uma sobreposição do novo sobre uma pré-existência. Entende-se que o objectivo do arquitecto é que haja um sentido de unidade e integração do que é projectado face ao que existe. Apesar da estrutura “escondida” ser em betão, o material escolhido para o revestimento, pedra aparente e a sua tonalidade, demonstram a preocupação que houve para que a leitura no seu todo fosse o mais fiel à pré-existência.

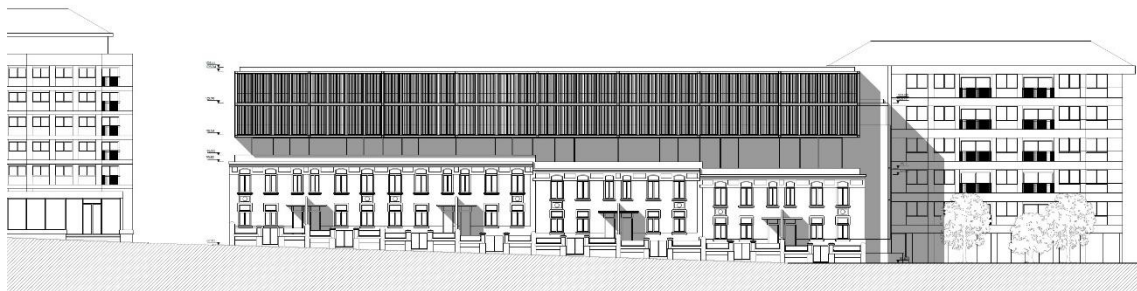
Já na img. 40; 39; 33; 32; 31; 30 e 26, são casos onde os elementos desenvolvidos sobre a pré-existência, são claramente diferenciadores, marcando o que é novo através da diferenciação de materiais, sendo uns mais “felizes” do que outros em termos de solução final. Na img. 36 verifica-se uma distinção através da cor. A cor preta que é utilizada em contraste com a pedra, verde claro. No entanto, houve uma preocupação para cumprir os alinhamentos dos vãos existentes com os novos, respeitando, ainda, a proporção dos mesmos. Contudo, na img. 23 e 37, existe a diferença de materialização, imposta pela utilização de capoto e pelo betão à vista. Porém, não existem cuidados com as aberturas visto que, os vãos foram desenvolvidos em banda sem corresponder ou alinhar com o que já existia.

As img. 35 e 37, são exemplos com os quais não me identifico, tendo em conta que o arquitecto, porque utiliza a pré-existência como uma segunda fachada. Na minha opinião, penso que esta postura seja a mais correcta. Existem outras opções que podem ser tomadas para preservar, dignificar o que já existe dando novas potencialidades como podemos verificar no Chiado.

Na obra do Arq. Siza no Chiado, podemos ver o cuidado que teve em manter a fachada, para que houvesse uma continuidade de linguagem do bairro e do projecto inicial para a baixa de Lisboa. Contudo, ao preservar estes elementos não condicionou a inovação do interior, com atribuição de novos usos, novas áreas de circulação entre outros elementos que potencializaram a modernização deste bairro.



Img.42 – Planta de Cobertura, s/esc.



Img.43 – Alçado Rua 5 de Outubro, s/esc.



Img.44 – Alçado Tardoz, s/esc.



Img.45 – Alçados Laterais, s/esc.

## Memória descritiva da Proposta Architectónica

*“(...) a sobreposição de uma arquitectura sobre outra pré-existente pode transforma-la com o fundamento de determinar uma nova composição. Isto é, mais do que introduzir uma nova peça arquitectónica trata-se de transformar a existente procurando outras intenções que não se limitam a manter a estrutura da forma, quando ao desejo de incorporar uma nova composição, com uma nova estrutura que desemboca numa outra ideia do edifício. Deste modo, a arquitectura resultante funde-se com a anterior num organismo novo – novo na sua estrutura formal, no seu significado, e no modo de utilização do edifício.”<sup>9</sup>*

Após análise feita ao lugar com plena consciência do sítio onde se insere, proponho manter o programa e a tipologia de habitação que já existe na sua pré-existência e desenvolver um aumento onde dará lugar a novas habitações. Tenho como objectivo manter o máximo possível do que existe, devido ao valor que reconheço ao edificado como memória da cidade, valor e qualidade arquitectónica que o conjunto possui no seu todo, sendo que o valor que reconheci, não se reflete na condição de património por parte da entidade camarária. Todavia, esta postura de salvaguarda do existente enquadra-se dentro das condicionantes que me permitem potencializar o projecto na sua generalidade.

Verificou-se uma necessidade programática para a qual o edifício presente não está preparado para receber todas estas alterações, por conta da sua degradação, estado devoluto e devido a uma questão estrutural.

Uma das intervenções propostas foi a demolição das paredes de meiação, com o intuito de regularizar a divisão dos lotes, ajudando ao desenvolvimento de uma estrutura que permitiu o desenvolvimento da cave com estacionamento e aumentar a cércea para ser possível aumentar o número de habitações.

Optei pela demolição da fachada tardoz por não ter valor arquitectónico em comparação com as restantes, o que possibilita um aumento em comprimento, juntamente com a área de construção, tornando possível o alinhamento do edifício com o que se encontra na Rua Moreira de Sá. Os logradouros, na parte tardoz do

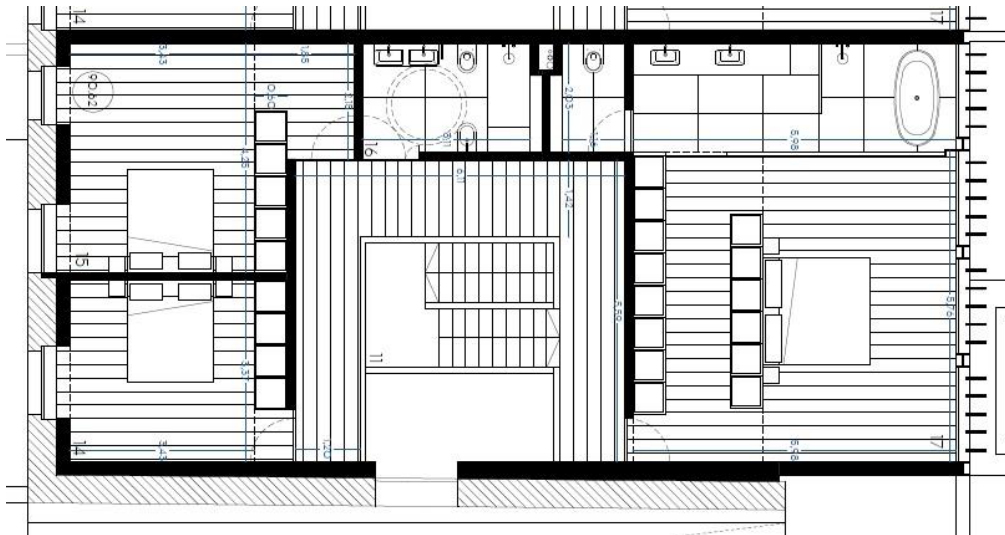
---

<sup>9</sup> DIAZ, Gonzalo Diaz in Reabilitação, Arquitectura Ibérica, nº12, pág. 19-20

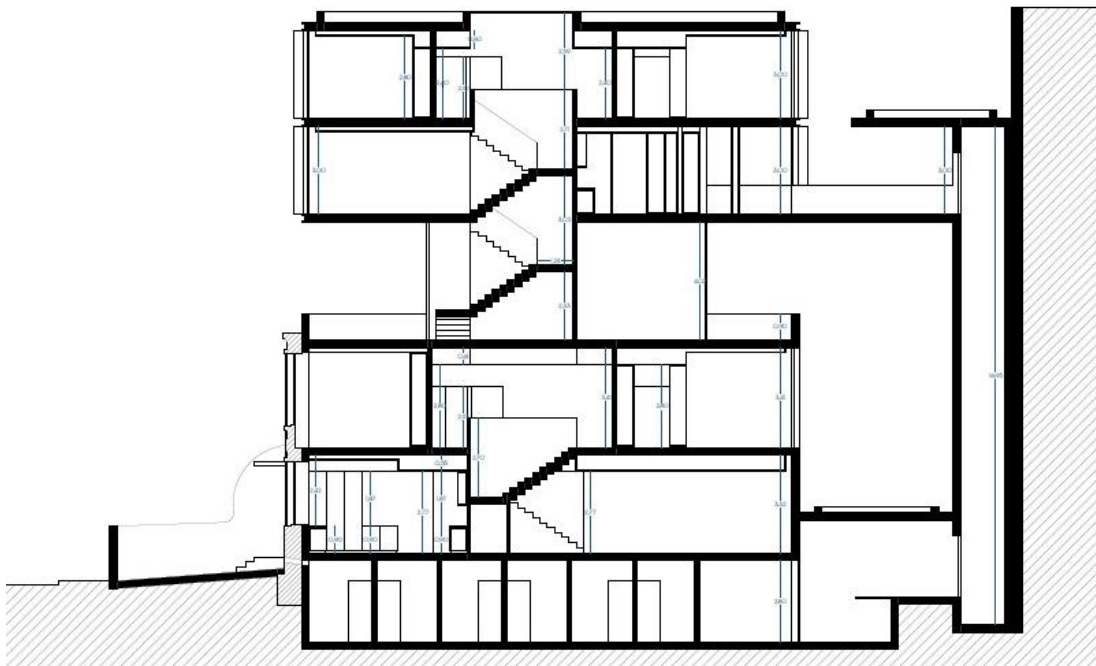




Img.46 – Planta Piso 0, s/esc.



Img.47 – Planta Piso 1, s/esc.



Img.48 – Corte Transversal 02, s/esc.

edifício, são mantidos e cada lote tem a sua área de lazer privada com um jardim, variando entre 50m<sup>2</sup> e os 80m<sup>2</sup>.

A ligação directa da rua com os pátios que antecedem a entrada de cada habitação é mantida, o que permite ter uma área independente a acesso às respetivas habitações.

Ao preservar a fachada principal e as suas laterais, garanto que a área em questão mantenha um carácter de habitação em duplex com 254m<sup>2</sup> e que os vãos existentes sejam respeitados pelas diversas áreas internas, para conseguir tirar o maior partido da iluminação para o interior.

O acesso ao novo aumento é realizado através de dois volumes verticais independentes que permitem fazer a ligação da cave, à cota da rua, até ao terceiro piso, onde se encontra a galeria que dá acesso às novas habitações. Estes acessos verticais, incorporam um elevador e o acesso pedonal através de escadas.

Além de terem sido criados com o principal objectivo de dar o acesso ao edifício, permitem colmatar uma empena com um dos edifícios da envolvente que se encontra na Rua Pedro Hispano. O outro volume permite que haja uma continuidade de fachada da Rua Moreira de Sá, que ao mesmo tempo propõe a cota de referência para que, quando o próximo edifício no terreno ao lado for construído, possa acompanhar a cota proposta porque neste momento se encontra o terreno vazio.

A minha proposta para o novo volume assume uma forma muito clara, evidenciando a sobreposição do antigo sobre o novo, que torna evidente a minha posição perante a concepção do projecto. Esta postura demonstra o valor que reconheci no existente, tendo por base a sua qualidade e valor arquitectónico que resta na construção.

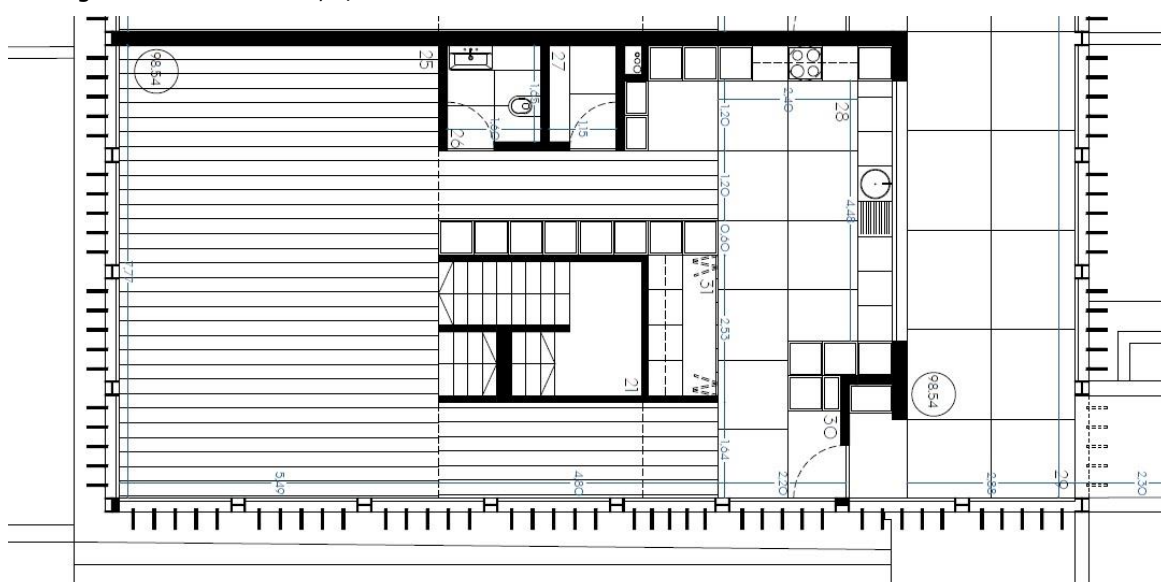
Contudo não pretendo que passe despercebida a minha decisão projectual. Assumo, em clara evidência, a diferença dos materiais, contrastando a linguagem moderna que está inerente no novo volume com a linguagem contemporânea do antigo, onde o moderno sobressai. Um dos meus objectivos desde o início é que o novo não minimize o existente. Trabalhei e procurei sempre uma solução em que ambos, o antigo e o novo, apesar das suas diferenças, possam coexistir estando numa simbiose plena.

Este tipo de abordagem não é algo novo, tal como foi demonstrado ao longo deste trabalho, de uma forma teórica e prática, tendo por base os diversos exemplos que são referidos anteriormente. A cidade do Porto é, cada vez mais, um lugar onde encontramos muito esta problemática e desafios como o que me foi apresentado ao

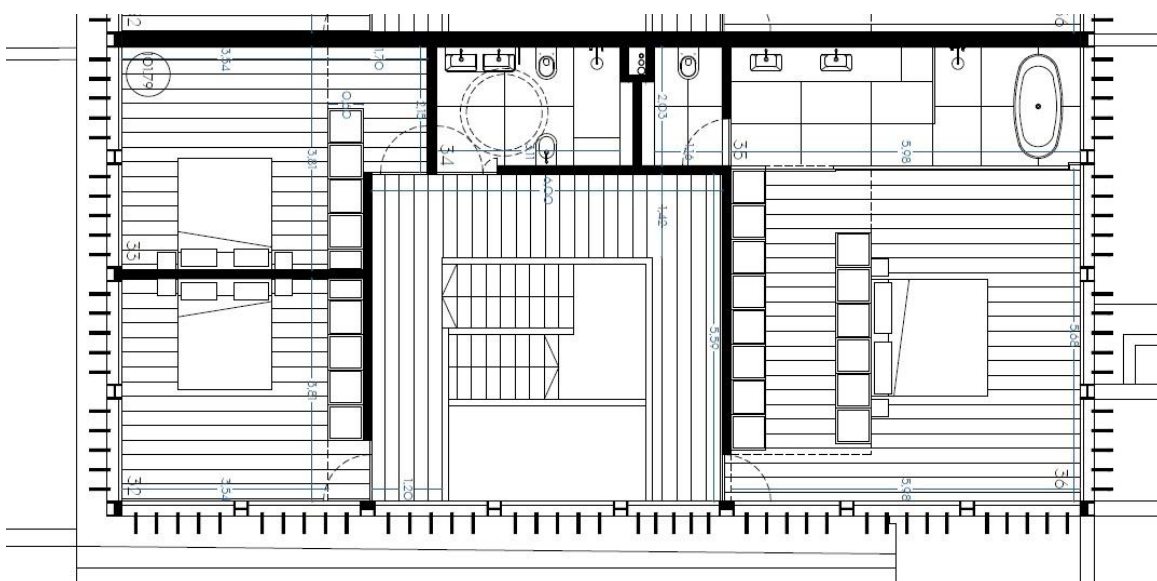




Img.49 – Planta Piso 2, s/esc.



Img.50 – Planta Piso 3, s/esc.



Img.51 – Planta Piso 4, s/esc.

longo deste projecto, sem nunca esquecer a pressão imobiliária que nos obriga a aproveitar e potencializar o edifício ao máximo.

Do ponto de vista meramente especulativo seria possível e viável acrescentar mais pisos. No entanto, tal opção foi abandonada por questões de equilíbrio que tem a ver com a volumetria geral e a manutenção das proporções entre a parte antiga e a parte nova. No meu ponto de vista, esta decisão torna o edifício mais leve, dando a sensação, como se tivesse “pousado” sob o cenário detalhado do antigo.

Este novo volume utiliza a tipologia em triplex, no qual possui uma área de 230m<sup>2</sup> por apartamento. Os materiais principais que são utilizados são o ferro e o vidro.

Desta forma, garantem-se aberturas com grandes vãos, com o intuito de tirar o máximo partido da exposição solar e manter um bom contacto do interior com o exterior.

Como consequência da dimensão dos vãos, a privacidade fica comprometida, contudo a solução passou pela utilização de lâminas que além de ter como função ser *brise soleil*, devido à exposição solar, dão mais privacidade a quem lá reside e permite que o novo volume tenha um sentido de unidade e igualdade no seu todo.

O volume intermédio é o que faz a conexão do antigo com o novo de uma forma funcional, mas a relação visual transmite que um está desligado do outro. Este elemento recuado tem como objectivo espelhar o que existe na envolvente, com o intuito de parecer camuflado. Contudo, pretendo que transmita menos força na relação visual do conjunto para reforçar a sensação do volume novo pousado sobre o antigo. Todavia, este recuo tem uma razão funcional para existir, garante que as habitações superiores tenham espaços exteriores tanto viradas para a Rua 5 de Outubro como para a parte tardo do lote, criando pátios privados com cerca de 30m<sup>2</sup> sendo que nos de canto é possível aproveitar a vista panorâmica das fachadas laterais.

A base de organização funcional do edifício garante que entre as habitações duplex, que estão inseridas na pré-existência, e as habitações em triplex, que se inserem no novo volume, haja independência, nunca ocorrendo um ponto de cruzamento entre ambas. Cada habitação tem a sua área comum, privada e área de lazer, exterior e privada, sempre independentes. As únicas áreas comuns são a cave, onde se encontra o estacionamento, as arrecadações correspondentes a cada apartamento, os elementos verticais de acesso e a galeria.



Img.52 – Imagem Tridimensional, Rua 5 de Outubro



Img.53 – Imagem Tridimensional, Alçado Tardoz, Logradouro

Num modo geral, o edifício possui uma organização funcional e objectiva, tanto no seu exterior, como no seu interior. Tendo em conta o programa proposto, tive o cuidado de colmatar e ligar o edifício com a envolvente, através da continuidade de alçado de rua, e de resolver a empena que se encontrava sem qualquer tipo de tratamento, com a incorporação do elemento vertical e proponho uma reformulação da área que se encontra no gaveto.

Como solução para este espaço que actualmente funciona como estacionamento público, desenvolvi uma área em aberto com jardim, que permite ser uma área de estar para ser aproveitada e utilizada pelos edifícios habitacionais que se encontram ao seu redor. Este espaço passará a ser uma zona de lazer e estar, ajudando a colmatar a falta de espaços públicos nesta zona, exceptuando a Praça Mouzinho de Albuquerque, vulgarmente conhecida por Rotunda da Boavista.

Portanto, quis criar um espaço mais perto do conjunto habitacional proposto que permite ser utilizado pelos edifícios ao seu entorno.

No modo geral, esta intervenção visa mostrar que é possível criar condições e dar novos usos a uma área e a um conjunto habitacional esquecido, modernizando mas ao mesmo tempo mantendo o que existia quando o valor arquitectónico está inerente, sem nunca fazer tábua rasa na forma de abordar o projecto.

## **Conclusão**

Neste capítulo final aproveito para elaborar as últimas considerações do presente trabalho.

Face aos desafios que foram impostos pela condição do projecto, intervir numa pré-existência onde foi decidido ter como objectivo a valorização do maior número possível de elementos deste conjunto habitacional, em estado devoluto, no centro da cidade do Porto, com o intuito de criar condições para propor novas funcionalidades como resposta às necessidades do quotidiano actual, foi bastante complexo.

Ao longo deste trabalho, a intervenção face ao conjunto edificado, procurou responder da melhor forma, mantendo uma postura de respeito baseado na história do lugar e na sua pré-existência, procurando manter viva a memória do lugar.

Contudo a inovação proposta face ao que existia, tem como objectivo oferecer novos usos e tirar maior partido das potencialidades que aquele espaço possui, para ser digno da sua preservação e inovação, atribuindo novos valores através da proposta apresentada.

A cidade do Porto deve ser digna desse esforço para salvaguarda dos valores existentes para que, à medida que a cidade evolua, não fique descaracterizada sem os elementos de valor que tanto a definem.

Após a conclusão do trabalho demonstro que é possível elaborar um plano que consiga ser adaptado conforme as mudanças da sociedade, preservando os valores contemporâneos e sem esquecer o passado.

## **Bibliografia**

- Siza, Álvaro, A Reconstrução do Chiado: Lisboa, ICEP – Investimentos, Comercio e Turismo de Portugal, Porto, 1997.
- Gracia, Francisco de, Construir en lo construído: La arquitectura como modificacion, Nerea, 1996.
- Seminário: A Intervenção no Património: Práticas de Conservação e Reabilitação, 2º Seminário, FEUP e DGEMN, Porto, 2006.
- Fernandes, Fátima, Reabilitação da Pousada do Picote, Caleidoscópio, Casal de Cambra, 2011
- Portas, Nuno, Conservar renovando ou recuperar revitalizando, Museu Nacional de Machado Castro, Coimbra, 1983.
- Rasmussen, Steen Eiler, Viver a Arquitectura, edição setembro 2007
- Siza, Álvaro, Imaginar a Evidência, Edições 70, 2012
- Ferrão, Bernardo – Projecto e Transformação do Porto na Época dos Almadás. Porto, FAUP Publicações, 1997
- Fernandes, Francisco Barata – Transformação e Permanência na Habitação Portuense. Porto, FAUP Publicações, 1997
- El Croquis, edição nº167-168 – Álvaro Siza. Madrid, 2008
- Siza, Álvaro – Complete Works 1952-2013, Taschen, 2013
- Ando – Complete Works 1975 – today, Taschen, 2002
- Wright, Frank Lloyd – Complete Works, Taschen

\*Título do Trabalho retirado do livro: Gracia, Francisco de, Construir en lo construído: La arquitectura como modificacion, Nerea, 1996



## Índice de Imagens

Img. 1; 2; 3; 4 – Desenhos de Levantamento realizados pelo Autor

Img. 5; 6; 7; 8; 9; 10; 11; 12 – Imagens do Autor

Img. 13 – Processo 1º Fase Retirado do Processo de Licenciamento Câmara do Porto

Img. 14; 15 – Imagens do Autor

Img. 16 – Processo 2º Fase Retirado do Processo de Licenciamento Câmara do Porto

Img. 17; 18 – Imagens do Autor

Img. 19 – <https://made-portugal.blogspot.com/2017/09/lisboa-pombalina.html>

Img. 20; 21; 22 – Imagens retiradas do Livro; Siza, Álvaro, A Reconstrução do Chiado

Img. 23 – <https://construir.pt/2018/07/03/tribunal-trava-projecto-de-souto-moura-na-praca-das-flores/>

Img. 24 – [https://www.arquitectos.pt/ja\\_newsletters/docs/janews7\\_encartes.pdf](https://www.arquitectos.pt/ja_newsletters/docs/janews7_encartes.pdf)

Img. 25 - <https://www.publico.pt/2016/02/21/local/noticia/praca-das-flores-uma-joia-de-lisboa-vai-mudar-de-figura-1723893>

Img. 26; 27; 28; 29; 30; 32 -[https://www.archdaily.com.br/br/941141/integrar-o-passado-projetos-contemporaneos-que-conservam-fachadas-preexistentes?ad\\_source=search&ad\\_medium=search\\_result\\_all](https://www.archdaily.com.br/br/941141/integrar-o-passado-projetos-contemporaneos-que-conservam-fachadas-preexistentes?ad_source=search&ad_medium=search_result_all)

Img. 31; 34; 35 - <https://www.archdaily.com.br/br/929784/fachadismo-quando-as-paredes-falam-e-mentem>

Img. 36 - <https://archtrends.com/blog/fachadismo-entre-aparencia-e-essencia-na-arquitetura/>

Img. 37 - <http://www.jornalarquitectos.pt/pt/jornal/j-a-256/o-fachadismo-da-reabilitacao>

Img. 38 - [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Antiga\\_Casa\\_Camara\\_\(Porto\).JPG](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Antiga_Casa_Camara_(Porto).JPG)

Img. 39; 40; 41 – Imagens do Autor

Img. 42; 43; 44; 45; 46; 47; 48; 49; 50; 51 – Desenhos Estudo Prévio Desenvolvidos pelo Autor

Img. 52; 53 – Imagens Tridimensionais da Proposta Realizadas pelo Autor

## Anexos: 1.1 – Imagens Tridimensionais do Projecto



Imagem Tridimensional, Alçado Rua 5 de Outubro



Imagem Tridimensional, Alçado Tardoz, Logradouro



Imagem Tridimensional, Sala de Estar





Imagem Tridimensional, Cozinha

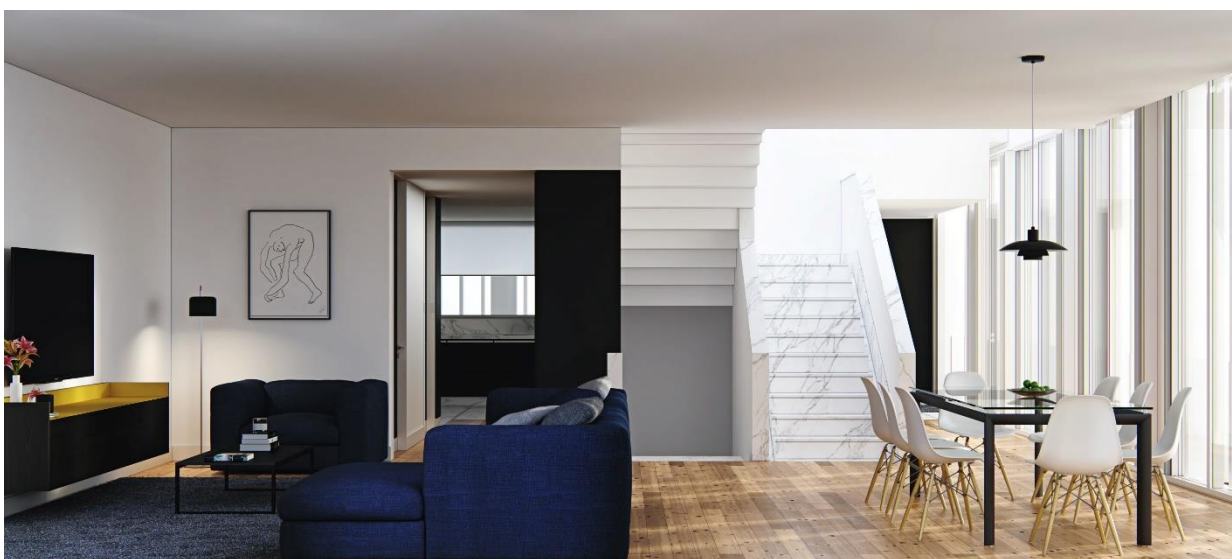


Imagem Tridimensional, Sala de Estar



Imagem Tridimensional, Lavandaria – Portas Fechadas



Imagem Tridimensional, Lavandaria – Portas Abertas



Imagem Tridimensional, Saguão





Imagem Tridimensional, Corredor de Acesso Quartos



Imagem Tridimensional, Quarto 01



Imagem Tridimensional, Instalação Sanitária

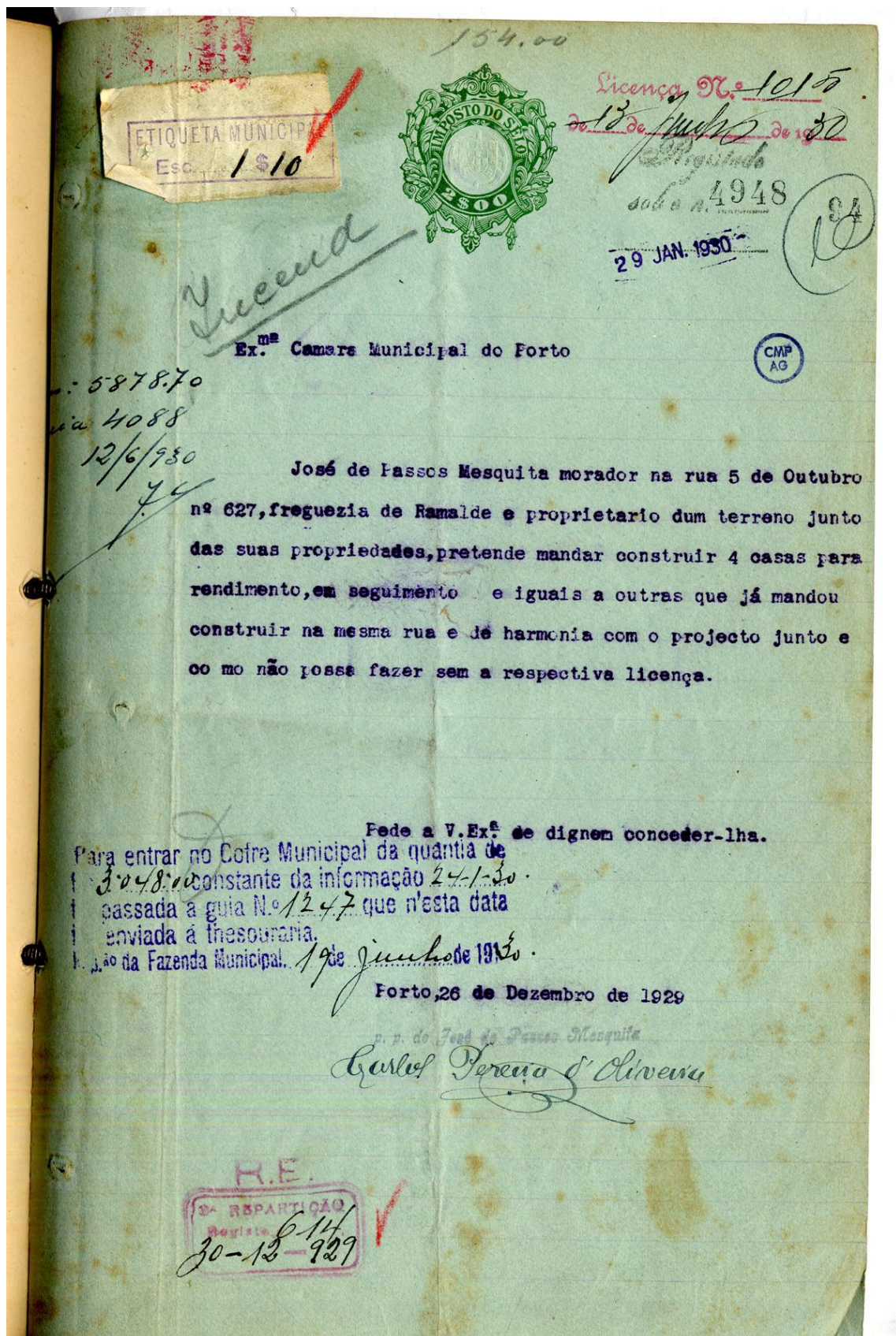




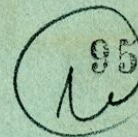
Imagem Tridimensional, Suite



Anexos 1.2 - Imagens do Processo Camarário do Proj. Original







TERMO DE RESPONSABILIDADE

O abaixo assignado construtor Civil diplomado declara que para os efeitos das Leis em vigor assume a responsabilidade das obras que o Ex.<sup>m</sup> Snr. José de Passos Mesquita, vai mandar construir no seu terreno da rua 5 de Outubro.

Porto, 26 de Dezembro de 1929

*Jose Pereira da Silva*  
Reconheço a assignatura *da Silva*

Porto, 26 de Dezembro de 1929

*Dr. Casimiro Curado*  
*Dr. Casimiro Curado*



**Luís SOBRAL**  
Adjuncto do Notario  
Dr. Casimiro Curado  
PORTO



APPROVADA, PORTO EM CAMARA,  
24 DE Janeiro DE 1930

PRESIDENTE



*Augusto Soares*  
1.º de 2.º

Os predios que José de Passos Mesquita, pretende mandar construir no seu terreno da rua 5 de Outubro, destinam-se a habitação e é executado de harmonia com o projecto junto

Na confecção do projecto em tudo se atendem as prescrições do Regulamento de Salubridade em vigor ampliado com as ultimas deliberações da Ex.<sup>ma</sup> Camara e Inspecção de Saude. A ventilação da caixa de ar é estabelecida por frestas nas fachadas principal e posterior. Os pavimentos das cozinhas, quartos de banho e retretes serão devidamente mosaicadas e as paredes revestidas a azulejo até a altura de 1,50.

Os alicerses serão asfaltados antes de receberem as paredes e estas serão cersitadas para ivitar a infiltração da humidade.

A cobertura da armação será de telha tipo da de Marselha e os beirões dos telhados terão as respectivas caleiras e conductores conduzindo as aguas fluvias até debaixo do passeio e em seguida serão as mesmas canalizadas ao aqueducto municipal, como preceitua o Codigo de Posturas Municipais.

A agua para todas as casas será fornecida pelos S.M. Aguas e Saneamento, sendo a distribuição da mesma feita em tubos de ferro galvanizado, com todos os seus accessorios e instalada sobre as paredes á vista.

As chaminés das casas serão construidas com tijolo argamassadas e desviadas dos madeiramentos ou material combustivel 0,15.

Todas as madeiras interiores e da armação serão em pinho nacional sendo as que ficam no exterior de Castanho.

Toda a casa será rebocada e caiada como é de uso e costume; sendo a pintura geral a 3 demãos de tinta de oleo de linhaça nas cores que forem combinadas.

Todos os vidros a aplicar serão brancos, lizos, sem defeito algum que os prejudiquem.



Todos os materiais a aplicar nestas obras serão de la  
qualidade e a mão de obra a mais perfeita segundo a arte de  
construir.

As obras que se vão construir, serão sancionadas de harmonia  
com o regulamento dos S.M. de Saneamento em vigor e os desenhos  
e memoria junta.

Porto, 26 de Dezembro de 1929

Carlos Ferreira de Oliveira



CAMARA MUNICIPAL DO PORTO

3.ª Repartição - Técnica

— SERVIÇO DA CARTA DA CIDADE —

Planta topografica para efeitos do §. 3.º  
do Art. 3.º do Edital de 18 de Janeiro de 1929.

N.º 195 { 11.800.....  
10.700.....

PORTO, 22 DE Setembro DE 1929

Engenheiro-Chefe do Serviço

A. Nogueira Figueiredo

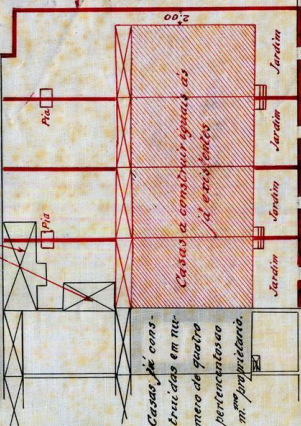
Engenheiro-Chefe da Repartição

A.B. Alinhamento e nivelamento os actuaes

Rua da Carcereira

APPROVADA PORTA EM CAMADA  
24 DE JULHO DE 1930  
O PRESIDENTE

A aterralir



Rua 5 de Outubro

H. sc. 1/500

copiar  
H. sc. 1/500



Registo { N.º 614-R.E.  
Data 30-12-929



101

## Câmara Municipal do Porto



### 3.ª Repartição — Técnica

Obras de..... Categoria.....  
Requerente: José de Fomes Mesquita  
Especificação da obra: construir 4 casas  
Situação: Rua Linco de Outubro  
Responsável: José Pereira da Silva

### Informações

#### Comissão de Estética

COMISSÃO DE ESTÉTICA

DA  
CIDADE DO PORTO

31 de Dezembro de 1929

O Secretário

APROVADO

Beneditino

Beneditino

Beneditino

Beneditino

### Inspeção de Saúde

Satisfaz-se com a condição de que as casas de ar, que ficam junto das casas já construídas, seja de 12 metros de altura, de nove metros quadrados. E assim se admite, por transigência, estes pontos de casas de ar para não destruir o conjunto de edifícios e porque, realmente, os compartimentos destinados a armários é natural que



nao seja dado outro destino

Porto Alegre, 4 de junho 7-1-1930

Armando Augusto, pelo liquidante

#### 4.ª Secção

Quanto ao projecto da obra:

Satisfaz  
13/1/30

Bauer

Quanto ao Saneamento:

Satisfaz, ficando da responsabilidade do tecnico a posicao e a cota do extremo do ramal em que se devera ligar a canalizacao publica a particular

13/1/30

Bauer

Prazo para execucao:

2 anos

Bauer



(447)

## Carta da Cidade

102



### Alinhamento:

O alinhamento dos prédios é o prolongamento da linha de fachadas dos prédios a sul e o alinhamento dos muros é o actual. A requerer a verificação.

### Nível de soleiras:

0,36 acima da guia de valeta. A requerer a verificação.

### Numeração:

vu li 482/30

Compõem-se os n.ºs 659-667-675-683 orientados de sul para norte. Tem a pagar de Taxa 20,00.

### Passeio:

Terço em frente das portas para 36 de largo

$1040 \times 100,00 = 104000$

Taxação 4x2,20 = 1,76x1,800 = 3,1680

Paga 50% 1356,80

678,40

30-jan-930

A. Documentação

### Inspecção dos Incendios

Polícia e polícia de P, que está a meio, em  
meio ao p.º de P, de P, passando 1,º 2º  
o telhado. Existem 4 portas de madeira,  
a pedras no tijolo e pimentão - la a madeira  
no telhado e o chaminé de tijolo e la  
assim os respectivos da m.

Nota: 21 de janeiro de 930  
Nota de P.



Do Engenheiro-Chefe

Informo estar o pedido em termos de ser definido, com as emendas feitas. 22-1-930  
e Eng.º Chefe,

Proposta do Vereador do Pelouro:

Proposta definitivamente em termos  
bons dos informados  
27/1/930  
Ribeiro

Importancias a cobrar:

Zôna Média

TAXAS

DE LICENÇA:

Fixa. . . . . \$  
Por m² de construção. . . . . \$  
1.016,00 Por m² de area util. . . . . 711\$20 ✓  
96,00 Por ml de muro interior. . . . . 148\$00 ✓  
35,00 Por ml de muro exterior. . . . . 140\$00 ✓

DE ESTÉTICA:

280,00 Por m² de frontaria. . . . . 280\$00 ✓

DE VARANDAS:

Por ml de saliencia. . . . . - \$ -

DE NUMERAÇÃO:

4 Numeros. . . . . 20\$00 ✓

DE ALINHAMENTO:

4 Prédios. . . . . 40\$00 ✓

IMPÓSTO DE SANIDADE:

Para a Câmara. . . . . 200\$00 ✓  
Para o Estado. . . . . 200\$00 ✓

IMPÓSTO DE VISTORIA:

Para o Perito da Câmara. . . . . 120\$00 ✓  
Para o Perito da Inspeção de Saude. . . . . 120\$00 ✓

EMOLUMENTOS:

Para a Câmara. . . . . 18\$00 ✓  
Para o Estado. . . . . 30\$00 ✓

DIVERSOS:

Sobretaxa de emolumentos. . . . . 22\$80 ✓  
Lei 14.027. . . . . 12\$00 ✓  
» » art.º 11.º. . . . . 2\$00 ✓  
Impresso. . . . . 1\$00 ✓  
Imposto do selo. . . . . 124\$00 ✓  
» » » 3,03. . . . . 63\$30 ✓  
Construção de passeio. . . . . 678\$40 ✓  
Depósito de garantia. . . . . 3.048\$00 ✓

1.016,00

Total - Esc. 5.878\$70 ✓



# Câmara Municipal da Cidade do Porto

ANO ECONÓMICO DE 19 29-30.

Guia de entrada de depósito N.º 1247

Despacho de 24 de Janeiro de 1930

Dinheiro corrente . . . 3.048\$00  
Papeis de crédito . . . \$  
Total Esc. . . 3.048\$00

Pela presente guia vai José de Passos Mospita.

entrar no Cofre desta Municipalidade com a quantia de três mil e quarenta e oito escudos.

como depósito de garantia ás condições em que me foi concedida a licença N.º 1015, para construir suabo prédio.

P. 5 de Outubro.

quantia de que o respectivo tesoureiro passará o competente recibo.

Porto e 2.ª Repartição Municipal, 19 de Junho de 1930.

O Chefe, 10.º

Recebi a quantia de três mil e quarenta e oito escudos

supra mencionada.

Tesouraria Municipal do Porto, em 19 de Junho de 1930

Registada

Em de de 19

O Tesoureiro,





# Câmara Municipal do Porto

3.ª REPARTIÇÃO — TÉCNICA — 1.ª Secção — Expediente

104



## LICENÇA PARA OBRAS PARTICULARES

Licença nº 104 do ano de 1930

Em conformidade com o despacho de 14 de Janeiro de 1930 exarado no requerimento registado nesta Repartição sob nº 114 de R. E. é concedida esta licença a

João do Carmo Pereira

para executar as obras nela descritas e documentos anexos, sob a direcção do

Eng.º Pereira da Silva

Especificação da obra: Construção de quatro paredes

Situação Rua 5 do Catão

### CONDIÇÕES IMPOSTAS

A licença e respectivo projecto aprovado devem estar sempre patentes na obra para serem examinados pelos funcionários municipais que provem sê-lo por meio de cartão de identidade, aos quais deve ser permitida a visita ao prédio em obras.

De conformidade com o disposto no Decreto de 14 de Fevereiro de 1903, nenhuma casa construída, reconstruída ou ampliada, poderá ser utilizada sem autorização da Câmara.

As obras devem ser iniciadas dentro do prazo de noventa dias a partir da data desta licença e terminadas em 14 de Março.

As paredes e o revestimento de pavimento e tecto nas cozinhas ou outros locais onde haja fornalhas ou fornos ou se depositem combustíveis líquidos ou outras substâncias facilmente inflamáveis, devem ser de materiais incombustíveis.

As chaminés serão totalmente de materiais incombustíveis, devendo o seu paramento interior ficar afastado 0,20 dos madeiramentos.

- a) Fôrça — Dar um minimum de 1000 metros quadrados em cada lado que fique junto aos prédios da Construção na fôrça de 100 metros de fôrça de 100 metros.
- b) Situação — Área da propriedade do terreno a ser construído e a área do terreno do terreno do terreno.
- c) Situação — O terreno a ser construído da linha de fachada do terreno a ser construído do terreno a ser construído.
- d) Situação — O terreno a ser construído do terreno a ser construído.
- e) Situação — O terreno a ser construído do terreno a ser construído.
- f) Situação — O terreno a ser construído do terreno a ser construído.
- g) Situação — O terreno a ser construído do terreno a ser construído.
- h) Situação — O terreno a ser construído do terreno a ser construído.
- i) Situação — O terreno a ser construído do terreno a ser construído.
- j) Situação — O terreno a ser construído do terreno a ser construído.
- k) Situação — O terreno a ser construído do terreno a ser construído.
- l) Situação — O terreno a ser construído do terreno a ser construído.
- m) Situação — O terreno a ser construído do terreno a ser construído.
- n) Situação — O terreno a ser construído do terreno a ser construído.
- o) Situação — O terreno a ser construído do terreno a ser construído.
- p) Situação — O terreno a ser construído do terreno a ser construído.
- q) Situação — O terreno a ser construído do terreno a ser construído.
- r) Situação — O terreno a ser construído do terreno a ser construído.
- s) Situação — O terreno a ser construído do terreno a ser construído.
- t) Situação — O terreno a ser construído do terreno a ser construído.
- u) Situação — O terreno a ser construído do terreno a ser construído.
- v) Situação — O terreno a ser construído do terreno a ser construído.
- w) Situação — O terreno a ser construído do terreno a ser construído.
- x) Situação — O terreno a ser construído do terreno a ser construído.
- y) Situação — O terreno a ser construído do terreno a ser construído.
- z) Situação — O terreno a ser construído do terreno a ser construído.

Porto e Paços do Concelho, 14 de

Junho de 1930

Ver lic 482/30  
559-562-575-583

Engenheiro Chefe da 3.ª Repartição, subscrevi.

Guia de depósito nº

Registou

Conferiu





# Importancias cobradas:

## TAXAS

### DE LICENÇA:

Fixa . . . . .	\$ . . . . .
Por m² de construção . . . . .	211\$20
Por m² de area util. . . . .	4\$00
Por ml de muro interior . . . . .	1\$00
Por ml de muro exterior . . . . .	1\$00

### DE ESTÉTICA:

Por m² de frontaria . . . . .	280\$00
-------------------------------	---------

### DE VARANDAS:

Por ml de saliencia. . . . .	- \$ -
------------------------------	--------

### DE NUMERAÇÃO:

Numeros . . . . .	20\$00
-------------------	--------

### DE ALINHAMENTO:

Prédios . . . . .	4\$00
-------------------	-------

### IMPÔSTO DE SANIDADE:

Para a Câmara . . . . .	400\$00
Para o Estado. . . . .	2.000\$00

### IMPÔSTO DE VISTORIA:

Para o Perito da Câmara . . . . .	120\$00
Para o Perito da Inspeção de Saude . . . . .	120\$00

### EMOLUMENTOS:

Para a Câmara . . . . .	18\$00
Para o Estado. . . . .	200\$00

### DIVERSOS:

Sobretaxa de emolumentos . . . . .	22\$50
Lei 14.027 . . . . .	12\$00
» » art. 11.º . . . . .	2\$00
Impresso . . . . .	1\$00
Imposto do selo . . . . .	124\$00
» » » 3,03 . . . . .	63\$20
Construção de passeio . . . . .	67\$50
Depósito de garantia. . . . .	2.048\$00

Total—Esc. . . 5.878\$40

*Oliver*